

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvação da Auctoridade Ecclesiastica

ANNO I



N.º 2

Porto, 1 de Fevereiro de 1914

Director e proprietario,
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

Editor,
Dr. Manoel Gonçalves Cerejeira

Assistente ecclesiastico,
Dr. Ferreira Pinto

REDACÇÃO:

Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO

SUMMARIO

O problema escolar em Portugal, Francisco Velloso. — *Malhar em ferro frio*, Agostinho Coutinho. — *Estudos historicos*, Silvio Pélico de Oliveira. — *O Ensino*, Antonio J. d'Almeida C. Lemos Ferreira. — *Commissões parochiaes*, Desbusquois. — *A juventude e a Incredulidade contemporanea*, Manoel Cerqueira Gomes. — *Crítica e Letras* — *A Mulher*, Gonçalves Cerejeira. — *Notas d'actualidade* — *A morte christã de Vigny*, J. Laurec. — *Sobre a evolução das sciencias sociaes*, Pacheco d'Amorim. — *Acção social catholica*, J. d'Almeida Correia.

Preço

Numero avulso.	150	reís
Por assignatura	seis mezes.	750 »
	um anno	1\$500 »

Todos os pedidos devem ser dirigidos á depositaria:
SECÇÃO RELIGIOSA DA COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA
Rua de Santa Thereza, 10 — PORTO

Collaboradores da LUSITANIA

D. Antonio Barroso, D. Antonio Barbosa Leão, D. Augusto Eduardo Nunes, D. Manoel Vieira de Mattos, Dr. Ferreira da Silva, Dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, Dr. Pacheco d'Amorim, Dr. Correia Pinto, Dr. Lino Netto, Dr. Domingos Pinto Coelho, João Franco Monteiro, Dr. Elias d'Aguiar, Dr. Agostinho de Jesus e Souza, Dr. Antonio Mendes Martins Junior, D. José d'Azevedo e Menezes, Dr. Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, Dr. Mendes dos Santos, Dr. Antonio Pereira dos Santos Motta, Dr. Antonio d'Oliveira Salazar, Padre Guimarães Dias, Dr. Silvio Péllico, Mons. Domingues Mâriz, Dr. Almeida Correia, Dr. Gonçalves Cerejeira, Dr. Castro Meirelles, Dr. João Ramos de Castro, Dr. João Cavaco, Dr. Pinheiro Torres, Dr. Agostinho Coutinho, Dr. Manoel Pereira dos Reis, Dr. Juvenal d'Araujo, Gomes Leal, José Agostinho, Visconde de Castilho, Padre Nestor Serafim Gomes, Dr. Fortunato d'Almeida, Dr. Ruella Ramos, Dr. Ferreira Pinto, Dr. Crispiniano da Costa, etc.

Historia da Igreja em Portugal

POR

Fortunato de Almeida

Bacharel formado em Direito, Professor do Lyceu de Coimbra, Socio do Instituto da mesma cidade, da Sociedade de Geographia de Lisboa, e da Sociedade Portugueza de Estudos Historicos

Volumes publicados

Tomo I — Desde as origens do christianismo na peninsula até á morte de D. Diniz (1325). Um volume de 800 pag., 2\$500 reis. — **Tomo II** — Desde a aclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pag., 2\$500 reis.

Em publicação

Tomo III — Desde a aclamação de D. Manoel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fasciculos. — **Tomo IV** — Desde a aclamação de D. Jesé I até á proclamação da republica (1750-1910). Um volume. — **Tomo V** — Os acontecimentos no tempo da republica. Um volume illustrado com grande numero de photographuras, e com muitos documentos.

Cada fasciculo de 80 pag., 250 reis. A cobrança é feita pelo correio, por grupos de dois fasciculos, depois de distribuidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

IMPRENSA ACADEMICA 157, R. da Sophia
= COIMBRA =

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvação da Auctoridade Ecclesiastica

ANNO I

PORTO, 1 DE FEVEREIRO DE 1914

N.º 2

Director e Proprietario:
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

Redacção:
Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO

Aos nossos assignantes e leitores

Por não ter ficado concluida a tempo a fabricação do papel que encommendamos para a **LUSITANIA**, vimo-nos obrigados a apresentar estes primeiros numeros em papel relativamente inferior. Este defeito vae, porém, ser remediado prompta e definitivamente, e a **LUSITANIA** passará a ser impressa no esplendido papel que sempre lhe destinamos.

Os Editores.

em Portugal.

Os ultimos acontecimentos historicos da nossa nacionalidade, apesar de accites como étapa fatal d'uma progressiva decadencia commum, avivaram os nossos males e tornáram mais núas as nossas necessidades. Será essa porventura a sua maior vantagem.

Entre essas necessidades avulta a de uma reorganisação de ordem moral, a que a religião não pode sêr extranha. Intima e estreitamente prêsas por uma relação de causalidade, aquella necessidade de reorganisação moral e a religião catholica, constituem a essencia da grave questão religiosa no

Collaboradores da LUSITANIA

D. Antonio Barroso, D. Antonio Barbosa Leão, D. Augusto Eduardo Nunes, D. Manoel Vieira de Mattos, Dr. Ferreira da Silva, Dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, Dr. Pacheco d'Amorim, Dr. Correia Pinto, Dr. Lino Netto, Dr. Domingos Pinto Coelho, João Franco Monteiro, Dr. Elias d'Aguiar, Dr. Agostinho de Jesus e Souza, Dr. Antonio Mendes Martins Junior, D. José d'Azevedo e Menezes, Dr. Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, Dr. Mendes dos Santos, Dr. Antonio Pereira dos Santos Motta, Dr. Antonio d'Oliveira Salazar, Padre Guimarães Dias, Dr. Silvio Péllico, Mons. Domingues Mâriz, Dr. Almeida Correia, Dr. Gonçalves Cerejeira, Dr. Castro Meirelles, Dr. João Ramos de Castro, Dr. Coutinho, Dr. Leal, José Agostinho, Dr. Fortunato de Pinheiro, Dr. Pinheiro da Costa.

Historia

Bac
Soeio do I

Tomo
morte de D.
mo II — Des
(1325-1495).

Em publicação

Tomo III — Desde a aclamação de D. Manoel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fascículos. — **Tomo IV** — Desde a aclamação de D. José I até á proclamação da republica (1750-1910). Um volume. — **Tomo V** — Os acontecimentos no tempo da republica. Um volume illustrado com grande numero de photographuras, e com muitos documentos.

Cada fasciculo de 80 pag., 250 reis. A cobrança é feita pelo correio, por grupos de dois fasciculos, depois de distribuidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

IMPRENSA ACADEMICA 157. R. da Sophia
= COIMBRA =

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a aprovação da Auctoridade Ecclesiastica

ANNO I

PORTO, 1 DE FEVEREIRO DE 1914

N.º 2

Director e Proprietario:
Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

Editor:
Dr. Manoel Gonçalves Cerejeira

Redacção:
Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO
Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Successor
Rua da Cancellia Velha, 70

O problema escolar em Portugal

OS PRINCIPIOS

Antes de encetarmos este trabalho, convém responder a uma duvida que o seu titulo geral certamente provoca:— Existe, de facto, um problema escolar em Portugal?

A resposta justificar-se-ha mais amplamente no decorrer d'este estudo. No emtanto, para liquidar a duvida sugerida, pode desde já affirmar-se a existencia d'um problema escolar em Portugal.

Os ultimos acontecimentos historicos da nossa nacionalidade, apesar de acceites como etapa fatal d'uma progressiva decadencia commum, avivaram os nossos males e tornáram mais núas as nossas necessidades. Será essa porventura a sua maior vantagem.

Entre essas necessidades avulta a de uma reorganisação de ordem moral, a que a religião não pode sêr extranha. Intima e estreitamente prêsas por uma relação de causalidade, aquella necessidade de reorganisação moral e a religião catholica, constituem a essencia da grave questão religiosa no

nosso paiz ¹; e entre os aspectos d'ella, certamente assume maior destaque o do ensino religioso nas escolas. Não pretendemos tratar aqui do problema do ensino, da neutralidade escolar. Expostos os principios geraes, de indispensavel conhecimento para o fim que nos propomos, cingimo-nos á observação dos factos e procurarêmos indicar e demonstrar, á face d'elles e das leis, qual a melhor forma de organizar, ou antes reorganisar o ensino religioso nas escolas, com plena liberdade para as crenças de todos, e principalmente para a dos catholicos do nosso paiz.

Não nos pouparêmos ao trabalho, tratando-se como effectivamente se trata, de um problema tão momentoso não só para a nacionalidade como para a acção catholica portugueza, que, em nossa opinião, deve refundir-se por completo, despir-se de todos os preconceitos, libertar-se de todas as coações, collocar-se dentro da pura orthodoxia, seguindo simultaneamente as linhas da tradição nacional e as novas exigencias da vida moderna.

Serão, pois, objecto da nossa primeira analyse: — *o direito imprescriptivel das familias*; e a *acção concordante dos quatro poderes educadores: a familia, a escola, a Igreja, e o Estado*.

*

A creança é dotada de personalidade, é uma *pessoa* e não uma *coisa*. Como tal, é independente, a ninguem pertence.

¹ Triste verdade, que os observadores sinceros confessam: a raça portugueza estiola-se, definha, tendê a desaparecer, á mingua da virilidade de character, que distinguia os nossos maiores. Ha falta de homens em Portugal, lê-se com frequencia nos jornaes. Porquê? Porque falta a educação moral, — comprehendendo n'esta a educação civica, que é, pode dizer-se, um ramo d'ella. Pregam-se ao povo *direitos*, sem se lhe fallar dos *deveres*. Exalta-se-lhe a dignidade e a liberdade, sem se lhe gravar fundo no animo a ideia e a convicção da responsabilidade perante os homens e sobretudo perante Deus. Responsabilidade, devêr, moral, tudo isto é inseparavel dos principios e crenças religiosas. Querer formular systemas de moral sem religião, é forjar theorias ôcas ou construir edificios inconsistentes. (Pastoral collectiva do Episcopado portuguez, de 24 de dezembro de 1910).

Desde o proprio facto da vida, a creança recebe a posse de si mesma.

Este simples postulado tão axiomatico do direito natural, ninguem o pode negar.

Fixando á creança um fim *pessoal* para cuja realisação lhe concedeu toda a *liberdade*, Deus entregou-a a si mesma.

A creança não pertence ao Estado, como queriam Platão¹ e o arcebispo de Cambrai. O fim do Estado não comporta semelhante ideia; a sua função é simplesmente garantir a liberdade de todos os cidadãos, como representante suprémo dos seus interesses, e distribuir por todos uma egual justiça. A doutrina platonica renovada pela Revolução Franceza, que entrega a creança ao arbitrio do Estado, mesmo ainda sem conhecer seus paes, briga não só com o fim do Estado mas com a ordem natural, como adeante verêmos.

Tão pouco é admissivel que a creança pertença exclusivamente á familia, como era pensamento da Roma pagã.

« A titulo de chefe religioso, escreve Fustel de Coulanges, o pae é responsavel pela perpetuidade do culto, e, consequentemente, pela da familia. Tudo o que respeita a esta perpetuidade, que é seu primeiro cuidado e seu primeiro dever, só d'elle depende. D'aqui deriva toda uma serie de direitos: — o de reconhecer a creança no seu nascimento, ou de a rejeitar como membro da sociedade domestica. Este direito é attribuido ao pae pelas leis gregas, assim como pelas romanas. Apesar de barbaro, não está, comtudo, em contradicção com os principios sobre que é fundada a familia. A filiação, mesmo quando incontestada, não basta para entrar no circulo sagrado da familia: é preciso o consentimento do chefe e a iniciação no culto. Emquanto a creança não está associada á religião domestica, nada representa perante o pae. » A brutalidade primitiva da civilisação romana resume e concentra no patrio poder um desmesurado arbitrio: O filho é incapaz de ter um patrimonio, como o escravo, tudo o que adquire entra na posse do pae, e a sua pessoa physica fica á mercê absoluta do *paterfamilias* que pode bater-lhe, prendê-lo, vendê-lo e mata-lo.

¹ Cf. *Republica*, I. V. e VI.

Assim, quer a theoria que entrega a creança exclusivamente ao Estado, quer a que a entrega exclusivamente á familia, conduzem parallelamente a uma pura negação da liberdade e da personalidade naturaes da creança.

Existe, de facto, um *direito da creança*, embora condicionado, direito que deve sêr protegido e defendido. Sêr fraco, como é, á creança torna-se, porém, impossivel exercer esse direito. Ella é juridica e naturalmente um *menor*. O seu direito, na realidade, é como se não existisse. De sorte que, a educação que recebe, não pode sêr escolhida por ella. Tem de sêr-lhe imposta por via de auctoridade.

Para realisar, para effectivar os direitos que lhe cabem (direito á vida physica, intellectual e moral, isto é á educação) a creança terá *tutores naturaes*.

O conflicto debatido em torno do celebre argumento do *direito da creança*, trava-se em ultima analyse entre aquelles que se pretendem uma auctoridade sobre a sua fraqueza. Quaes os seus *tutores naturaes*? O Estado? Seu pae e sua mãe? Eis o problema, que é aliaz, de facil solução.

Determinêmos em primeiro logar a natureza do direito que cabe á creança. Este direito não pode referir-se ao exercicio da sua livre vontade, na escolha da educação, como já vimos, por isso que a creança é juridica e naturalmente um *menor*; seria então, um direito impraticavel.

Não, o verdadeiro direito da creança, consiste em não sêr desligada d'aquelles de quem é a carne e o sangue, e que n'ella puzeram toda a sua esperanza. ¹ Esta, a unica conclusão admissivel, por exclusão de partes.

Anterior a todas as outras sociedades, anterior ao proprio Estado, á familia compete a educação da creança, logica e chronologicamente. Os seus *naturaes tutores* são seus paes.

Em primeiro logar é este o seu proprio direito. *Filius enim naturaliter est aliquid patris* (S. Thomaz, II.^a — II.^{ae}, 9. X. a. 12, *in c.*) O filho é por sua natureza, alguma coisa do pae.

Elle é de algum modo uma extensão da sua pessoa (Leão

¹ Brunetiere, *La question du droit de l'enfant*, conferencia feita em Lille a 19 janeiro 1903.

XIII, *Rerum Novarum*). E' um direito de auctores, baseado na natureza das coisas, como a propria palavra indica: — *jus auctoritatis*, auctor, auctoridade.

«Não é principio evidente, diz com razão Gaston Sortais ², que o effeito depende da causa que o produz? Consequentemente, se o effeito não recebe logo toda a sua perfeição, é áquelle que dá o sér que incumbe a obrigação de o aperfeiçoar. Os paes teem pois, o estricto dever de desenvolverem a vida imperfeita e debil que communicaram ao seu filho: tem de munil'o do viatico intellectual e moral, que ha-de permittir-lhe affrontar as difficuldades da existencia. D'outro modo, não poderia ser attingido o fim principal do casamento, a propagação da especie. A responsabilidade da instrução e da educação da creança recahe em primeiro logar e antes de tudo, sobre aquelles que lhe déram nascença. E' a ordem providencial.»

D'esta exposição, tão clara, conclue-se tambem que não é só direito mas dever dos paes a *tutela natural* sobre seus filhos, séres imperfeitos, porque são os seus auctores responsaveis e por que o cumprimento do dever é o fundamento mais solido do direito.

Ha porém, mais uma razão justificativa do direito dos paes á educação de seus filhos: é o seu proprio amor quem a adduz. Os paes *amam*.

Não venham affirmar os adversarios que a creança tem direito a sér collocada n'esta ou n'aquella escola, ainda que ellas não sejam as escolhidas pelos seus progenitores, a receber a infusão de taes ideias ou de taes crenças ainda que ellas sejam contrarias ás de sua familia.

Semelhante these é absurda, opposta a todos os corações generosos e a todas as intelligencias sãs.

«Quem mais quer e ama o filho do que seus paes? Quem mais do que estes o desejará vêr bom e feliz? perguntava Charles Dupuy, antigo presidente do conselho de ministros francez. ² E', pois, o pae quem deve escolher a escola que

¹ *Dictionnaire apologétique de la Foi catholique*, fasc. ix, col. 917-930.

² *Revue politique et parlementaire*, p. 222-223. Ha tambem quem levante a objecção de que não existe um *direito* dos paes, mas unicamente uma concessão, que a Sociedade Ihes faz. Esta these, porém, leva á destruição da

convem a seu filho, o qual no futuro o substituirá como homem e como cidadão ».

E que carinho, que desvêlo e amor, poderia dar o Estado á creança, em troca de todo o ambiente de paz e felicidade domesticas que lhe roubasse? Como suppriria o Estado a assistencia permanente do pae e sobretudo da mãe, na formação moral da alma infantil, trabalho inexcedivel e sem igual, que encontra logo a maior opposição na rigidez e fria imparcialidade de que o mesmo Estado deve vestir-se no exercicio das suas funcções?

Preferir o Estado ao pae no exercicio de direito de educação sobre a creança, é, como acabamos de vêr, um revoltante absurdo; mas este absurdo torna-se sensivelmente mais claro e provoca maior repugnancia, se attendermos á natureza do Estado moderno onde reina o sufragio universal.

« Esta these, diz Herbert Spencer, implica este postulado paradoxal... de que um homem, a titulo de pae, é incapaz de velar com competencia pela cultura mental e moral de seu filho, mas que o mesmo homem, a titulo de cidadão associado n'um dia de eleições a outros cidadãos, torna-se completa e perfeitamente capaz de decidir soberanamente da cultura mental e moral de todas as creanças do paiz, sem excepção ».

A missão de instruir e educar a creança não entra propriamente, como dissemos, nas attribuições do Estado. A sua funcção essencial e primaria consiste em garantir pela força a segurança externa e interna dos cidadãos para que elles possam livremente e em paz, exercerem os seus direitos. A sua funcção essencial tambem, mas secundaria e variavel consoante as circumstancias de tempo e de logar, é promover a prosperidade publica, não directamente por si mesmo, mas collocando as familias e as associações em condições taes que favoreçam o seu progresso physico, intellectual e moral ¹.

familia, porque desde o momento em que o Estado reconhecêsse a desnecessidade d'essa concessão, retiral'a-hia ás familias, conformando-se com o systema de Platão, segundo o qual o Estado pode apossar-se das creanças desde nascença.

¹ Ch. Antoine. *Cours d'economie sociale*, cap. III, 4.^a ed. Paris, 1908; Gaston Sortais, *Etudes philosophiques et sociales*: II, *Les fonctions de l'Etat*

Desenvolvendo esta dupla funcção de *segurança* dos cidadãos e de *promoção* da prosperidade publica, o Estado visa um fim social, de ordem geral, qual é o bem commum dos associados.

A educação, ao contrario, tendendo á formação do individuo, encaminha-se portanto para um fim particular.

Concluâmos, pois, com um pensador moderno, « o poder civil não está encarregado de repartir, de distribuir pelos seus subditos aquillo que é o bem *particular* d'elles, como o alimento, o vestuario, a habitação; mas unicamente de desenvolver um meio em que cada um dos cidadãos poderá mais facilmente buscar para si e alcançar esses mesmos bens. Nada mais particular, nada mais individual do que a doutrina, alimento ou vestuario da intelligencia: não entra portanto na funcção do Estado o distribuil'a ».¹

Objectam, porém, os partidarios do Estado educador: — o Estado é o guarda nacional dos direitos de todos, portanto deve tambem guardar e defender os da creança.

De facto, o Estado é o guarda nacional dos direitos de todos, mas esta defeza dos direitos dos cidadãos não pode ser absoluta, isto é o cidadão não pertence ao Estado, antes a guarda d'aquelles direitos deve referir-se á situação em que elles se encontram. A funcção do Estado não pode contrariar a ordem natural pre-estabelecida. A auctoridade paterna não deve ser absorvida pelo poder civil, e assim o Estado tem obrigação de guardar e defender os direitos da creança, mas nas mãos dos seus *tutores naturales*, os paes, garantindo-lhes o exercicio da sua missão: *supplantal-os*, é ferir, no direito paterno, o direito do filho...

Demonstrado preliminarmente o direito imprescriptivel das familias á educação das creanças, somos chegados a determinar a natureza e o papel que a escola desempenha.

A escola, escreveu alguém, é a familia prolongada. De facto, assim succede e se verifica.

moderne, p. 47-76, Paris, 1907; Dom Besse, *L'Eglise et les libertés*. 8.ª licção, *La liberté d'enseignement*, p. 200, Paris, 1913.

¹ J. Grivet, *L'Eglise et l'enfant*, nos *Etudes*, 1910, t. cxxiii, p. 484-485. Dom Besse' ob. cit, p. 215.

Os paes encetam a educação de seus filhos, amparam e vigiam a sua formação moral, e auxiliam a sua formação religiosa. E' toda uma obra de amor.

Chegadas porém, a certa idade, a alma e o espirito da creança requerem o acabamento perfeito d'esta obra, exigem que as não abandonem, entregues a um simples e rudimentar conhecimento, muitas e muitas vezes tão imperfeito, das coisas. A educação, diz Paulo Gaultier, é a formação do espirito e do corpo na sua integralidade e na sua harmonia. Uma e outra hão-de sêr perfeitas e acabadas para que perfeita e acabada seja a educação.

Comtudo, por falta de tempo ou por falta de sciencia, a maior parte dos paes não podem levar a seu pleno termo esta obra maravilhosa. Recorrem, pois, muito naturalmente, a alquem que a ultime, delegam a sua auctoridade em pessoas de sua confiança que acabem o esboço fundamental que tracejaram na alma de seus filhos.

O mestre-escola é pois, um *delegado dos paes*. E' em seu nome que elle educa e ensina. E' d'elles que lhe advem toda a auctoridade.

Outros meios, outras pessoas a prepararam para o exercicio da sua melindrosissima missão, mas foi a confiança dos paes dos seus discipulos que a consagrou!

Comprender-se-ha agora a justiça profunda das seguintes palavras do saudoso Pontifice Leão XIII na sua encyclica *Sapientiae Christianae*, de 10 de Janeiro de 1890:

« Aos paes pertence, por direito natural, educar os seres a quem deram a existencia, com a obrigação de adaptar a educação dos filhos ao fim em ordem ao qual lhes foi concedida a faculdade de á prole transmittirem o dom da vida. Teem, pois, restricta obrigação de empregar todos os cuidados e não desprezar diligencia alguma para repellir energicamente todas as injustas violencias que n'esta materia lhes quizerem fazer, e para conseguir a posse exclusiva da auctoridade sobre a educação dos filhos ».

Francisco Vellozo.

Malhar em ferro frio

Ha annos, em Paris, em casa do conhecido medico portuguez Bem-Saude, especialista de estomago e intestinos, dizia-me elle: — então, não se especialisa?

— Talvez, disse-lhe.

— Olhe que a minha especialidade é interessante.

Responde a isto um meu discipulo, hoje medico em Lisboa, presente na occasião:

— E é, na verdade uma especialidade bem precisa em Portugal, attendendo ao largo uso da brôa e seus effeitos sobre o estomago...

Ha annos, da mesma cidade, relatava na « Lucta » um dos seus redactores que encontrando-se na escadaria da torre de Montmartre, bastante escura, dois francezes, estes se desfaziam em amaveis desculpas, por se haverem calcado. Que na mesma occasião um portuguez, victima de igual desastre, rouquejava improperios...

Ha annos, em Coimbra a conhecida madame Chardonet, muito dada aos prazeres de luxo, não obstante as suas ridiculas pretensões a uma côrte serôdia, era por vezes alvo de ditos da academia, que excepcionalmente eram graciosos como este:

— Offusca-me o vosso brilho... (procurando embargar-lhe o passo).

— Não me estorve o caminho, responde ella, senão teria o desgosto de lhe dar com o sapato.

— Quem dera, *madame*, teria o supremo prazer de o fazer cravar no alfinete da minha gravata.

Na maioria das vezes eram com este:

— O' Chardonet andas hoje muito caiada....

E ella respondia quasi sempre.

— Muito *broeiro* anda n'esta academia....

Ha dias publicava um chronista, André Brun, o seguinte relato de viagem, na « Capital »: — «Era um compartimento de 1.ª classe com oito logares. O primeiro viajante que entrou escolheu o logar da portinhola, marcou-o com uma malinha de mão e foi fumar um cigarro para o caes. O segundo a chegar viu a marca, pousou-a no banco da frente e sentou-se no logar reservado. O terceiro espreitou, viu o bom canto tomado e, pelo sim pelo não, espalhou o seu material pelo banco fronteiro, pois tendo comprado um logar, mal lhe parecia occupar menos de tres.

Um homem gordo, importante, de barrete de viagem e boa amarra atravessada no collete inspeccionou os locaes, resmungou não sei que invectivas contra os estupidos que chegam cedo, fallou em pouca vergonha e contentou-se com o canto do corredor.

O comboyo partiu... O gordo puxou o barrete para os olhos arrotou e ficou admirado de que lhe não pedissem desculpa...

O dos tres logares espojara-se, com as botas cheias de lama, sobre a cobertura dos estófos...

Durou cinco horas este animado convivio. E' assim que se viaja em Portugal ».

Ha dias, no mesmo jornal lamentava-se a crise das boas maneiras. « No parlamento republicano a falta de compostura e a ausencia de boas maneiras são absolutas.

E' raro que os oradores se façam ouvir em silencio e com deferencia... Até nos dias de chuva se veem certos legisladores de casaco de borracha a escorrer, gesticulando e esbracejando, todos entregues á ancia de descompôr qualquer ministro que haja contrariado a politica do seu intangivel campanario »...

Ha dias...

Seria um nunca acabar.

Querer exterminar esse pódre nacional é quasi como malhar em ferro frio; senão, veja-se essa colossal obra de critica de Eça, Ramalho e tantos outros, ao mostrengo que pouco ou nada foi abalado. D'antes ainda a grosseria andava ligada á franqueza. A falta de maneiras era por vezes bem compensada pela generosidade. Hoje, anda á solta, a manha,

a astúcia e a velhacaria, divorciadas quasi sempre do bom tom e de braço dado com uma boçalidade saloia, verdadeiramente repelente.

Maior que a crise das boas maneiras, é a crise do caracter, a grande crise, o grande mal.

Triste destino será o nosso se uma *élite*, de uma nova geração, não vem rasgar novos horizontes e trazer iniciativas generosas, conscias do seu papel, firme no seu ideal.

Pedir mudança á geração que nos vinha governando em inteiro scepticismo ou á que nos dirige em manifesto scetarismo, é malhar em ferro frio.

Eu bem sei que houve iniciativas generosas, dignissimas, mas a sua obra não triumphou e corre risco de perder-se.

Um exemplo irei apontar e que constitue bem uma excepção.

E' a obra, quasi que apenas iniciada pelo fallecido Bispo de Vizeu D. José, mas que revela n'uma idade avançada uma notavel transformação e adaptação, ás necessidades novas, da agitada vida moderna.

Em 1911, publiquei no «Correio da Beira», numero commemorativo do recente fallecimento do referido prelado o seguinte, que o tempo nos vai confirmando e onde nada teriamos a mudar se o escrevessemos hoje:



N'esta epocha, de frio positivismo scientifico, em que o determinismo naturalista pretende avassalar a consciencia e a vontade, passando assim alem dos limites que a si mesmo se tinha imposto, e em que quasi só se vive de realidades bem angiveis e palpaveis, a questão social sobreleva a todos ou outras podendo ser, no fundo, uma questão moral, mas sendo, sem duvida, á superficie, e *au jour le jour*, uma questão de estomago.

E, como o homem, apesar de todos os progressos biologicos realizados pela sua evolução no tempo, como quer certa escola dominante, e apesar tambem das suas bellezas e pro-

gressos no dominio da intelligencia e do sentimento, ainda não deixasse de ser um animal, embora o mais elevado e o mais perfeito da escala, segue-se que não pôde ou não poude, coitado, libertar-se de imperiosas e irreductiveis necessidades physiologicas, inherentes e indispensaveis á sua existencia.

E, como o estomago é, no dizer do eminente sabio russo — Metchnikoff — actual director do Instituto Pasteur, de Paris, o orgão que mais prende o homem á animalidade, comprehende-se que apesar da sua grande elasticidade e retracção, tenha um minimo de capacidade que é imperioso satisfazer.

E' preciso, pois, que os que pela sua profissão são os ministros e conselheiros dos povos, attendam e olhem para o estado de pauperismo, de concorrência vital e de lucta economica que vamos atravessando.

O Bispo de Vizeu, D. José, não ignorava o ensinamento de que devemos em primeiro logar procurar o reino de Deus e que tudo o mais nos será dado exuberantemente —, mas mostrava conhecer tambem que pregar moral a estomagos vasio é pregar no deserto, e apesar de se ter formado e educado n'um tempo bastante afastado e n'uma sociedade ainda romantica, phantastica e sonhadora, entregue a um lyrismo esteril, rotineiro e automatico, sobretudo no campo catholico, soube descer do Olympo até cá baixo, onde a lucta se trava, dia a dia, por vezes cruel e feroz.

Dedicou-se ás obras sociaes com afinco, e, se não conseguiu um triumpho brilhante nas sociedades de soccorros mutuos, cooperativas de consumo, grandes manifestações de arte que levantem o espirito do proprio operariado, cantinas escolares, bairros operarios, etc., deixou, pelo menos, essa obra iniciada, abriu-lhe caminho e deu-lhe um grande impulso, sobretudo porque tentou fazer clero social e sociavel.

Social, pelo amor e dedicação a essas obras; sociavel pelo trato mais fino, mais delicado, mais distincto, mais nobre, sem sentimentalismos piegas nem imperialismos irritantes.

E' assim mesmo.

Urge acabar com argucias, expedientes, reservas, desconfianças, manhas. . . . A época é de trabalho, franqueza, sinceridade, lealdade, toda positiva.

O que ahi fica, em resultados praticos é, quasi á certa,

malhar em ferro frio e, por isso, só instado me resolvi a colaborar n'esta revista.

A brôa continuará a reinar e o grande numero dos labregos, dos egoistas, dos velhacos, dos manhosos, dos..... catholicões padres ou não padres a seguir o seu caminho impassivelmente, embora com sorrisos amaveis, elogios baratos e sympathias faceis e commodas.

Ora pois.

Vizeu, Janeiro de 1914.

Agostinho Coutinho.

Médico.

Estudos historicos

A MULHER PERANTE A REVOLUÇÃO RELIGIOSA DO SECULO XVI

Ha uma lei (das poucas que a Historia definitivamente tem conseguido formular) que diz: « os povos morrem mais pela falta de character do que pela carencia de intelligencia ou de saber. » Na verdade essa lei tem a seu favor os factos sociaes que brotam da observação da vida real das sociedades humanas. A morte da Civilização classica deu-se porque a Moral já ha muito desaparecera do seio d'essa civilização. O Imperio Romano é a synthese perfeita e singular d'uma magestosa civilização, onde o espirito pagão marcára em caracteres indeleveis o quanto pode o homem apoiado apenas na crença da sua força, independente de qualquer pretendida influencia sobrenatural. E com efeito o homem muito pode porque a civilização pagã foi imponente e sugestiva, mas não teve estabilidade, porque a Moral derivada da fé no sobrenatural só muito tarde Romã a reconheceu. O Imperio Romano cahira porque lhe faltara a Moral, não porque lhe escasseiasse os talentos e os genios, não. Symacho o temível adversario de S.

Jeronymo e Tacito o esplendido historiador, e outros mais, nos dizem que se o Estado pagão desaparecera do mundo real da vida a causa estava na immoralidade e nos vicios em que Roma sossobrara. O poder da sciencia e a força juridica não supprirão a deficiencia da Moral. A construcção juridica do Estado pagão appoiava-se no direito Romano sahido da Escravidão e a sua construcção moral, social e economica era formada pela subjugação da Mulher aos gosos carnaes do homem. Os principios superiores que animavam essa construcção eram : a Força e a Materia ; a Força tomada esta palavra no seu significado mais rigido e duro e a Materia, isto é, o Materialismo, que, como consequencia natural trouxe a subjugação da Mulher aos gosos carnaes do Homem. Ao estado antigo faltou um principio de Moral nascido na crença, no sobrenatural e essa falta acarretou a morte. Roma desapareceu no meio da dissolução dos costumes e da viciação dos caracteres. E' bem certo que os povos descáhem e morrem mais pela falta de character do que pela carencia de intelligencia ou de saber.

*

* * *

Os grandes espiritos que ou por apparecerem num determinado momento historico ou por terem recebido a força espiritual d'uma ideia ou por serem seres psychicamente anormaes, teem espalhado no mundo as sementes de doutrinas que convulsionaram nos seus mais profundos alicerces, a vida das sociedades humanas ; governando o mundo, imperando em muitos milhões de individuos com a sombra dos seus vultos synthetizados nas doutrinas que espalharam na vida por muitos milhares de seculos, esses espiritos tiveram comtudo, sempre um elemento commum, sejam quaes forem as ideias que defendessem : a integridade moral, o respeito pela virtude e o Amór desinteressado por uma grande ideia. Não se comprehende e é contrario á realidade historica e repugnante á natureza da Humanidade o apparecimento d'uma doutrina elevada e superior, defendida, espalhada e justificada por quem não respeita a Moral e a Honra.

Podem estas duas palavras : Moral e Honra tomarem si-

gnificados diferentes atravez do tempo e do espaço mas na sua essencia e no espirito que as anima não são divergentes nem diversas. Jesus Christo, occupa para nós catholicos um logar especial, mas Buda e Mahomet apesar das suas doutrinas foram espiritos superiores que fizeram da Honra e da Moral o respeito e a consideração pelas suas ideias e principios religiosos. Não se pode, é impossivel, admittir-se a renovação d'uma sociedade humana pela acção de um espirito immoral e baixo; os grandes são apregoados pelos espiritos puros e candidos e não por espiritos sujos e devassos. Se os povos caiem pela falta de character, como se podem elles elevar pela acção de um ser humano baixo e miseravel?

*

* *

A revolução religiosa do seculo XVI não podia elevar o grau de moralidade de uma sociedade porque o homem que a dirigia e se tinha colocado á frente do movimento revolucionario, apesar de ser um espirito superior, era sob o ponto de vida moral uma criatura repugante, servindo se das armas mais vis e baixas para triumphar. O odio era a arma favorita de Lutero; ora, o Odio, não cria, vez alguma se viu um regenerador das sociedades humanas fazer do Odio o triumpho da Verdade e da Justiça; o Amôr cria, o Odio destroe: O espirito da Renascença fizera renascer a Immoralidade e os meios do Estado Pagão. Esse espirito singular abrangera tambem o estado religioso desde as mais humildes ordens religiosas até ao proprio papado. Figuras extranhas surgem na vida social, um Alexandre VI, um Cesar Borgia, etc., uma corrente de dissolução dos costumes e da Moral passa pelas ordens religiosas. Lutero, ou simples instrumento nas mãos do destino ou conscientemente, lança-se n'essa corrente immoral da qual dentro em breve devia ser o grande organisador nas luctas terribes contra a Roma Papal. Lutero, di-lo a Historia pela bocca de Enrico Denifles e do imparcial e tolerante Hartman Grisar, era um devasso e um espirito sem respeito sem a menor consideração pela elevação da Moral ou da Virtude de um Povo quando mais o regenerador da Humanidade! No campo his-

torico podemos affirmar que actualmente não ha duas ideias contrarias sobre o valor moral de Luthero, Luthero marchou na lucta contra Roma appoiado na força do incendiario Sicknigen e do siphylitico Hutten. Onde estava a Moral? Os discipulos de Luthero todos glorificaram o vicio e a força, a immoralidade e a devassidão, onde está o principio de Moral elevada?

Se as nações caiem pela falta de character mais do que pela carencia de intelligencia e do saber, como se poderia elevar o grau de moralidade da Humanidade, á voz rouca e alcoolica de Luthero ou aos gritos do incendiario Sicknigen ou do siphylitico Hutten?

Era a Mulher, ser fragil e delicado, que Luthero havia de respeitar e querer elevar?

O homem habituado a viver no vicio como poderia venerar e respeitar a Mulher? Perante a posteridade falla a Historia e esta pela propria bocca de Luthero vai nos dizer o que Luthero pensava da mulher.

« A atracção dos dois sexos necessita imperiosamente de ser satisfeita, o homem está collocado na necessidade natural e absoluta de procurar essa satisfação ». « Como não podemos deixar de ser um homem, não está tambem no nosso poder viver sem mulher, da mesma forma que não estando no teu poder não ser uma mulher, não está no teu poder viver sem homem ». « A pluralidade das mulheres é permittida pela sagra da escriptura e se ella algumas vezes é censura é porque os christãos devem por vezes abster-se de cousas permittidas ». « Os conjuges devem amortecer os seus ciumes fora do casamento, afim de que a satisfação seja dada á natureza, que é impossivel conter ». ¹ É a influencia pagã a fazer-se accentuar directamente no campo moral como já se tinha manifestado primeiro no campo juridico com os legistas, depois no campo artistico, litterario e filosofico com a Renascença e finalmente no campo religioso com Luthero, é por isso que a mim me parece que Luthero foi um simples instrumento nas mãos do Des-

¹ Vide Hist. pol. Bl., tomo xi, pag. 412 e seguintes, Zaussen. Ein Zweites Wort an mein Kritcher, pag. 94 e seguintes.

tino. Sobre este assumpto tão interessante, diz o Historiador allemão Hagen, no seu bello livro *Deutschelands litterarische und religiose Werhalthniss*,¹ « vê-se que essa maneira de encerrar o casamento é quasi a mesma da antiguidade pagã, e caso semelhante, veio a acontecer na Revolução franceza ».

Mas continuemos ouvindo Luthero: « a obra e a palavra de Deus, dizem-nos que as mulheres devem servir ou para o casamento ou para a prostituição ». Deus, diz Luthero « criou a mulher para o homem dando-lhe o seguinte dilema: ou casamento ou prostituição »; « a mulher não é mais do que um simples instrumento de satisfação das paixões dos homens »; a « mulher não é mais do que um estúpido e desprezível animal » a mulher deve ser collocada no grupo das vaccas reproductoras. Agora para terminar, transcrevo as palavras textuaes de Luthero pronunciadas nos ultimos tempos da sua vida: « Se as mulheres se fatigam e morrem á força de parir, não é n'esse facto que está o mal, é necessario que quando a morte as fêre ellas já tenham produzido o sufficiente: foram feitas unicamente para isso: ». *E melhor viver pouco mas desregradamente do que viver muito e honestamente*². Uma vez conhecidas as opiniões do Mestre sobre a mulher ouçamos as dos seus discipulos sobre o valor da mulher.

Começamos por ouvir em primeiro logar Melanchton, o braço direito de Luthero, theologo celebre e organisador de talento. Diz Melanchon: « Tu, rei de Inglaterra (refere-se a Henrique VIII) podes repudiar a tua mulher e casar com outra pois a escriptura santa admite e sanciona a polygamia. O protestante Semig, predicante de valôr, diz n'um folheto composto por occasião da oração funebre do Landgrave Felipe de Hesse « que a prohibição da polygamia repousa sobre uma falsa interpretação da Sagrada escriptura, e não é senão uma das numerosas prohibições imaginadas pela tyrania papal ». Muito mais teremos que dizer sobre o ponto que escolhemos, ficará para outro dia, mas desejo acentuar o seguinte: actualmente Leon

¹ Tomo 1, pag. 223-234.

² Vid., Wein, tomo xii, pag. 94 e o opusculo de Denifle « Luter pour l'heretique et pour Chatolique, ch. 11, pag. 81, 82 e 83.

Dupuit e o professor de sciencias economicas e sociaes da Universidade de Coimbra veem na Revolução religiosa e no protestantismo a causa primordial da condição melhorada e que a mulher actualmente se encontra nos paizes anglo-saxonicos em contraposição á situação deprimente em que se encontra nos paizes latinos.

(Continua).

Silvio Pelico de Oliveira.

Coimbra, 1-12-913.

O Ensino

A funcção do Estado no Ensino.

II

Estabelecida a noção geral d'Ensino, o alicerce sobre que deve assentar, concretisado na formula latina que citamos no anterior artigo, entrevista a sua necessidade e postas em relêvo as modalidades do Podêr na sociedade domestica, civil e religiosa, bem como a sua dependencia hierarchica, naturalmente se deduz a norma que o Estado, representante do poder civil, deve seguir em materia d'Ensino.

Ao tocarmos este ponto, permita-se-nos uma pergunta — o Estado ensina? A' luz dos principios que ao de leve esboçamos, ao Estado, não compete a missão de dirigir a instrucção, e muito menos, constituir-se educador da sociedade que personalisa.

O alvo suprêmo do Estado é, ou deve ser, o *promover* o maximo bem estar da sociedade, *garantir* a maior perfeição intellectual, moral e religiosa do mesmo, pelo legitimo e harmonico equilibrio dos ramos o poder que essencialmente o constituem, os quaes são o poder legislativo, executivo e judicial.

Promulgar leis sabias e justas, executa-las escrupulosamente.

mente e esclarecel-as n'um são o ponderado criterio á luz dos genuinos principios do Direito, que se funda na moral, como esta tem a sua base invariavel na Religião, taes são as attribuições unicas e capitaes do Estado.

Ampliar a sua acção, invadindo o campo da outra sociedade, a sociedade religiosa, a que directa e indirectamente se tem de subordinar, é sahir fóra da orbita que lhe compete, é falsear a funcção do poder civil, é lançar uma perturbação e desordem, só prejudicial á mesma sociedade civil, pelo Estado vinculada é emfim, pretender ensinar, formar caracteres e disciplinar intelligencias, quando a sua missão legitima só lhe confere o poder de *garantir* aquelle Ensino e de promover a sua defeza ¹.

Mas, ou Estado concentre, quasi exclusivamente o exercicio do Ensino, como na culta Allemanha, ou lhe deixe a mais em ampla liberdade na fórma de o ministrar, como nos Estados Unidos da America do Norte, Inglaterra e na Belgica ², o que é positivo é, aquelle Ensino, ser, nas grandes nações que primam de mais civilisadas, nas de mais elevada cultura mental, informado, invariavelmente, do *principio religioso*.

E' assignalando o pristino e essencial fundamento do Ensino que reconhecemos a incapacidade de ensinar ao Estado, porque lhe falta a auctoridade e, digamos assim, a investidura, para incutir aquelle principio, auctoridade que é só apanagio da sociedade religiosa vinculada por um Poder mais alto — a Igreja, á qual foi por Deus directamente confiada a augusta capacidade de ensinar, isto é, Educar, formar caracteres, dirigir e disciplinar intelligencias, para que estas não deslisem no sombrio pendôr de todos os erros e os corações se não pervertam no seductor declive de todos os vicios.

Em face da doutrina exposta, a funcção do Estado no Ensino, acceita pelos mais eminentes philosophos e pensadores

¹ *E'lie Blanc* — Traite da philosophie Scolastique tomo III — pag. 399 e seg. Paris — 1909.

F. X. Rondina — Comp. da philosophia tomo 2.º p. 2.ª phil. social — pag. 157 passim Macáu — 1870.

² *Ferreira Deusdado* — Educadores portuguezes — pag. 504 — Coimbra — 1910.

mais auctorisados, desde que a sua missão não seja falseada, nunca será, nem de monopolizador do Ensino, nem d'uma pretendida neutralidade que sempre encobre um real sectarismo, como está provando o governo francez e, especificadamente, o portuguez que se tem mostrado d'um radicalismo extremo.

O Estado em these deve *fomentar e garantir*, dando a primazia, á liberdade da Igreja, do principio religioso catholico, não só porque é elle d'instituição divina, como a Razão e a Historia o provam, como ainda por ser a alma da civilisação moderna, pela longa e laboriosa educação que a Europa lhe deve na Epoque brilhantissima dá Edade Media, eloquentemente testemunhado pela academico illustre que se chamou Frederico Ozanam e outras mentalidades, algumas das quaes são bem insuspeitas de catholicismo ¹.

E deve fomental-o porque elle representa a mais alta instituição d'ensino, a unica Auctoridade, repetimos, investida na missão de Educar.

Na pratica, dada a quebra da unidade moral da Europa, nomeadamente, após a grande heresia do seculo XVI, após o espirito intensamente revoltado da sociedade de 1789, dada a corrente do chamado pensamento moderno, o Estado, pelo menos, tem o imprescriptivel dever de garantir a liberdade d'ensino, a liberdade de fundação de estabelecimentos escolares sejam elles quaes forem, a liberdade civica, emfim, de consciencia e de culto catholico, na incisiva phrase do padre Gayraud! ²

O Estado, representante da sociedade civil, não pode sér sectario, não incarna um partido, não é orgão d'uma facção, é, sim, a segurança da sociedade que vincula, é, sim, o patrocinador do bem geral de todos os cidadãos, o defensor de todos os legitimos direitos, a garantia do cumprimento dos mais sagrados deveres, o incitador de todas as iniciativas que eduquem, illustrem e promovam a prosperidade nacional, eis sua

¹ *Histoire de la civilisation au v. siecle* — por Frederic Ozanam. cit. por l'Abbé Chatelain — pag. 164 — Paris — 1909 — Conf. Taine — Pages Choisis — pag. 353.

² Conf. Revue du clergé Français, 25 de janeiro de 1905.

augusta missão, sem pressões coercivas inconfessáveis e que são a mais flagrante e perfida contradicção da sua apregoada neutralidade.

Se não quer reconhecer a divina investidura da Igreja, vínculo da sociedade religiosa, supremo modelo de perfeição moral, mestre infallível da verdade, eterno pharol do genero humano, se não lhe dispensa o acatamento e primazia a que tem direito, e no seu proprio interesse, ao menos garanta-lhe uma egualdade de direitos no ensino, garanta-lhe a liberdade de consciencia, a liberdade de culto, d'associação e d'imprensa.

Sendo o Catholicismo o principio civilizador da Sociedade moderna, tem jús a essa liberdade, porque elle foi, é e será, em que pese aos seus mais encarniçados inimigos, que são os inimigos da propria civilisação, o principio disciplinador do progresso.

O Catholicismo illumina as mais rutilas intelligencias, é o germen de perfcção que inspira os mais bem formados corações que tem animado todos os santos, nas peregrinas virtudes, derivadas do inexgotavel manancial do Evangelho.

Tocada, ao de leve, a missão de Estado no Ensino, passaremos a analysar qual deve ser o orgão, pela qual elle desempenha aquella missão nos moldes já expostos, afim de promover a maxima perfeição educativa, a disciplinação d'intelligencias, simultaneamente, com a formação de caracteres.

Estamos convencidos, e comosco a élite do pensamento nacional, de que a aviltante decadencia da sociedade portugueza deriva duma enorme crise de character, crise moral, crise, finalmente, motivada pela indisciplina intellectual pavorosa, que lavra d'alto a baixo, nas diversas camadas sociaes da nação portugueza, consequencia da falsissima orientação dada, ha muito, mais uma vez o repetimos, ao Ensino em Portugal.

Porto, 20 de Janeiro de 1914.

Antonio J. d'Almeida C. Lemos Ferreira.

Commissões paroquiaes ¹

A paróquia é a cellula da organização religiosa em França. A comissão paroquial corresponde-lhe, muito naturalmente.

Quaes são os elementos da Commissão paroquial?

Não tratamos agora de analysar aqui os differentes typos de uniões paroquiaes. D'um modo geral, a organização paroquial comprehende em primeiro logar um *comité* composto d'um pequeno numero de leigos, membros activos, em relações seguidas com o parócho. Em segundo logar, membros adherentes, por exemplo em certas dioceses os subscriptores para o dinheiro do culto formam a massa que o parócho, ajudado pelo *comité*, terá de estimular e fazer augmentar.

E' escusado dizer que tal tarefa cabe aos elementos activos, que muitas vezes tanto mais o são quanto menos numerosos.

O seu numero é forçosamente muito variavel, não só conforme a população da paróquia, mas ainda mais segundo as circumstancias. E' umã questã de facto que facilmente se resolve no proprio terreno de acção. Julgamos que este numero pode variar de 3 ou 5 nas pequenas paróchias, até 10 ou 15 proporcionalmente, nas maiores.

Uma pergunta resalta, sobretudo nas pequenas paróquias, exprimindo uma grave difficuldade: — Como começar?

a) *Como começar?* — Não fixemos uma regra absoluta, universal: em certas paróquias, basta uma simples palavra do parócho; n'outras será melhor aproveitar uma

¹ (Continuado do n.º 1, pag. 21).

ocasião extraordinaria, tal como uma missão, um congresso, uma festa em honra do padroeiro, uma conferencia excepcional. Então, é facil reunir alguns homens, trocar impressões regularmente, pôr mãos á obra, emfim.

Outras circumstancias mais extraordinarias farão nascer a occasião desejada :

« Eu conheço uma parouquia, cujo sino estava rachado dizia Mgr. Chapon, bispo de Nice, desejava-se substitui-lo por um outro de vibrações sonoras : o paroucho fundou então uma commissão. Aos homens que conseguiu reunir, disse : « Ide pelos differentes bairros sollicitar a subscrição dos moradores ». Partiram : foi um successo ! Uma outra obra foi emprehendida que deu bom resultado ; em summa, quando estas pessoas de boa vontade notaram que constituíam afinal um *comité* catholico, o mêdo estava vencido ».

Em outro sitio insensivelmente, se passará d'um circulo de estudos para uma commissão parouquial, como fez o padre Deconynck, paroucho de Linons.

A esta preocupação liga-se uma outra difficuldade, á primeira vista insolúvel :

— « Que hei-de eu fazer ? Não tenho ninguem ! . . . »

E de facto, é assim. Em muitas parouquias poucos ou nenhuns catholicos se encontram. Em casos extremos, Bispos ha que não hesitam em recommendar : « Escolha não — praticantes ». E a difficuldade augmenta : « não tenho dez homens na minha freguezia, que de perto ou de longe se possam interessar pela minha acção » — « Pois contente-se com um só homem ! » O resultado d'este esforço não será menos abençoado por Deus, nem menos apreciavel, com a sua graça e tempo preciso.

Como então procurar ou suscitar esse unico homem, como supprir esta difficuldade ? Vamos já dizê-lo. Supponhamos a commissão constituída : o que importa (é até uma condição de vida) é trabalhar desde o primeiro dia.

Como inaugurar a sua acção ?

Esta interrogação equivale a est'outra que é o pesadello de muitos sacerdotes e catholicos :

b) *Que fazer na commissão parouquial ?*

A resposta — é a experiencia quem a dá — é muito simples: tudo aquillo que interessa á vida religiosa n'uma parochia, salvo a administração dos sacramentos e a administração financeira do culto. A administração dos sacramentos, é claro, só ao padre pertence; a administração financeira interessa ao parochio e ao conselho parochial. Demais, importa que a commissão parochial não se occupe das despesas do culto, porque arriscar-se-hia a tornar-se uma cultural.

Feitas estas reservas, a commissão parochial tomará attenção por toda a vida religiosa da parochia. E arredemos desde já uma apprehensão. Não se trata de na sua primeira reunião perguntar: — que vamos fazer nós de novo? Não, seria começar pelo mais difficil, talvez pelo inutil ou pelo impossivel. A primeira coisa a estudar é o seguinte: — que é que existe na parochia? Onde estamos nós? Expliquêmos. Vejamos o que ha já realisado, de modo a melhor o conhecer, e a poder aperfeiçoal'o.»

Mas se nas parochias importantes não ha embaraço na escolha, já o mesmo não succede nas parochias pequenas. E' muitas vezes impossivel, vista a composição da commissão e a pobreza da vida catholica, repassar n'um primeiro estudo em commum, uma lista de obras... que não existem. Como proceder n'este caso? A resposta, facil é de comprehender, não pode sêr uniforme: o zêlo do parochio deve engenhar, descobrir um primeiro ponto de contacto com os seus parochianos.

Uma obscura commissão parochial da diocese de Grenoble occupou-se, n'uma primeira sessão, da sorte de algumas creanças orphãs e do melhor modo de as auxiliar. A segunda sessão já foi agitada: uma arvore da liberdade de 1848 n'uma praça publica da communa, ameaçava ruina. O conselho communal queria consolida'l'a; e foi decidida uma festa. Os *blocards* pensavam torna'l'a n'uma manifestação anti-religiosa. Como desfazer-lhe o plano? Como associar os catholicos e os conservadores para esta festa e não permittir que apresentasse a Igreja como inimiga da liberdade? Estudaram-se os meios. Preparou-se uma primeira campanha que foi o ponto de partida d'uma

outra em favor do restabelecimento das procissões. Em seguida veio o problema da escola e o dos manuaes...

N'uma outra communa de Saône-e-Loire, a commissão paroquial tratou successivamente da installação do jogo da bola, dos jardins operarios, e depois da boa imprensa. Pouco a pouco encaminhava-se para o programma completo da commissão paroquial.

Ao principio, tudo foi conversar. Escutae este trecho d'um dialogo entre Haschel e um seu amigo perplexo, sollicitado pelo parochó a entrar n'um *Comité* paroquial:

«... E então acredita que a commissão paroquial permite discutir os negocios de cada um?

— Não creio. E eis as minhas razões. Conversaremos; ora, nada eguala o interesse d'estas conversas entre christãos animados pelo amor do bem commum. Não se tracta d'um discurso solemne, menos ainda de uma serie de discursos solemnes que puzesse em fuga os ouvintes; nem tambem, de propostas desordenadas e sem nexó com que ninguem aprenderia. Entre um discurso muito preparado e palavras que o não são, ha logar para judiciosas reflexões, observações praticas, e mesmo estudos, cujas conclusões se adaptem á região, á paroquia...

— Não vejo o que haja a dizer a tal respeito.

— Comece, e verá que não fica callado.

Permitta algumas perguntas. Se eu lhe perguntasse: Que se lê em sua casa, que jornaes lê, quaes os bons, quaes os maus? Que é que o professor ensina a seus filhos e de que livros se serve elle?

Onde mora, qual o preço do aluguer? N'uma casa ou n'uma cabana? Como lhe corre o trabalho, é interrompido por greves ou accidentes? Quantos filhos tem? Ficam na terra como aprendizes de qualquer officio, ou vão procurar fortuna a outra parte? Tem dividas? Sobem a muito as suas economias?

Que responderá o meu amigo a estas perguntas ou a outras semelhantes?

— Não responderei nada.

— Sim, porque nada viu e nada sabe. Na commissão, ao menos ha-de abrir algumas janellas no seu espirito:

ha-de examinar as condições da sua vida domestica, da religião, da fortuna, do trabalho... »

Para o proprio parochio, nada ha que valha uma conversa abandonada a si mesma, para tomar nota de mil detalhes que d'outro modo lhe poderiam passar despercebidos.

Mais tarde quando a commissão marcha regular e normalmente, é que ella se prende ao programma traçado pelas direcções diocesanas, para o que, em condições ordinarias, é preciso estudar primeiramente as obras existentes na parochia. Este programma enumera as obras de piedade, de instrucção e acção religiosa e social que constituem a vida parochial.

Um duplo problema surge naturalmente a este respeito: — onde estão taes obras? qual o meio de as desenvolver?

Qualquer que seja, de resto, a insignificancia apparente das suas occupações, é impossivel que a commissão parochial não produza, no fundo, um grande trabalho. O contacto do padre desperta a alta ideia da religião, de Deus, da vida eterna, que continua a terrêna.

Habitiamo-nos, deante d'elle, a não julgar as coisas sob o ponto de vista estreito e limitado em que se tratam as coisas temporaes. E no momento propicio, a proposito d'um facto mais saliente, d'um attentado contra a alma das creanças, da solemne palavra do Pontifice e do Episcopado percorrendo e échoando pelo mundo, o sentimento catholico affirma-se e desperta. As mais altas ideias espallham-se pelas habitações mais humildes, suscitando a mesma inspiração, provocando o mesmo *élan* da opinião, melhor ainda, creando esta unidade do pensamento catholico, preparadora da unidade na acção. Circulo d'estudo e circulo d'acção, a commissão parochial em que o padre e o leigo se esclarecem e se fortificam, pode tornar-se a colmeia intelligente e laboriosa onde se elabora a regeneração religiosa do paiz!

No exterior, pode entrevêr-se a funcção publica, quase official, da commissão parochial. Porque não se hão-de lêr sobre as paredes das nossas cidades cartazes com a

sua assignatura? Os grandes actos do Episcopado nunca demasiadamente chegam ao conhecimento das massas. A commissão paroquial assignalal-os-hia efficazmente á opinião publica, e aproveital'os-hia para propagar e defender a acção moral da Egreja.

Somos chegados a definir um ultimo aspecto da sua actividade. Como a acção da Egreja, a da commissão paroquial deve sêr resolutamente social. Na ordem temporal, as questões profissionaes passam ao primeiro plano, tomam passo ás questões politicas, dirigem muitas vezes a vida das nações, abordam ao mesmo tempo os mais sérios problemas da moral e portanto interessam directamente á Igreja. Por todos estes titulos, teem direito á attenção dos catholicos. As commissões paroquiaes chamarão, pois, ao seu seio, representantes do mundo do trabalho. Como disse Mgr. Labeuche: « Vós encontrareis certamente concursos dedicados entre os privilegiados de situação, de fortuna e de educação, e acceita'os-heis com reconhecimento; mas não esquecereis que os homens do povo podem trazer tambem, aos vossos conselhos, thezouros de sabedoria pratica, de experiencia e de abnegação: acolhel'os-heis com a mesma gratidão. Convém que os nossos *comités* contenham membros de todas as classes da sociedade, a fim de que sejam a verdadeira representação da paroquia. »

Simultaneamente, a commissão paroquial attentará nos problemas que mais preoccupam as massas operárias, essas multidões tresmalhadas que ninguem deve renunciar a reconduzir um dia ao gremio da Egreja.

As almas estão envoltas n'uma rêde de condições economicas que é necessario destrinçar e analysar, reformar e sanear, se quizermos adaptar os ensinamentos da Egreja, a pratica da vida christã, á sua vida quotidiana.

Desbusquois.

A Juventude e a Incredulidade contemporanea

INQUERITO

Os phenomenos psychicos teem, dizem-no os philosophos, como caracter *fundamental, universal e dominante*, o conhecimento.

A prova tira-se facilmente notando que a percepção é o proprio conhecimento, que a consciencia reside no conhecimento, que a sensibilidade é formada por conhecimentos prévios, que até a acção espontanea, o conhecimento, e é guiada por elle.

Todos os systemas philosophicos, salvo a reduzida escola materialista, estabelecem para o espirito, dois mananciaes de conhecimentos, posto que um e outro alimentem o reservatorio commum, segundo modalidades differentes.

Estes dois mananciaes, reconhecidos na antiguidade por Platão, na idade media por todos os grandes philosophos da Escholastica, na idade moderna por Descartes, Bossuet, Teneloso, Malebranche e Pascal, contemporaneamente por Kant, Hegel, Paul Janet, Victor Cousin, Maine de Biran, Jouffroy e Boyer Collard —, estes dois mananciaes são os sentidos e a razão.

Os sentidos, recebendo as impressões até elles vindas dos objectos, originam as sensações (affectivas e representativas) e as percepções, e estas sensações deixam lembranças, imagens, que reproduzidas e combinadas formam o conhecimento sensitivo. O espirito conhece, assim, mercê dos sentidos, toda a incommensuravel vastidão das realidades materiaes, effectuando o que em linguagem philosophica tem o nome de *experiencia*.

A razão, não recebendo impressões materiaes, attinge os objectos de um modo immaterial, por idéas abstractas, que representam a essencia e o porquê das coisas, e,

d'esta maneira, o espirito ergue-se até á causa primaria, ao conhecimento do absoluto, do eterno, do infinito, realisando o que se chama o *pensamento*.

A razão, completando o trabalho dos sentidos, não opéra, como estes, indifferentemente em todos os periodos da vida humana.

Na creança, os phenomenos psychicos restringem-se quasi a conhecimentos sensitivos; o papel da intelligencia é rudimentar e o espirito é alimentado pela experiencia, a qual tira da acção dos objectos exteriores os *materiaes de conhecimento*.

Só quando a razão desponta é que a intelligencia opéra em toda a sua plenitude. A' existencia dos objectos revelada pelos sentidos, á faculdade de conhecê-los, vem alliar-se uma outra, mais grandiloqua, a faculdade de comprehendê-los, de conhecer a sua essencia e o seu porquê.

E então, procurando n'uma segunda coisa a razão d'uma primeira, e n'uma terceira a razão da segunda, indo de razão em razão, nunca achando uma que satisfaça e unifique todas as outras, encontra-se a idéa d'uma razão *que seja causa de todo o resto, sem ella propria ter causa fora e acima de si mesma, a idéa d'uma existencia absoluta*.

Aqui começa um estadio psychico bem agitado e revoltoso: — a phrase de investigação das verdades immateriaes.

E' a vontade que, tomando posse da intelligencia, a guia atravez de todas as verdades, e a fixa n'esta ou n'aquella, constituindo o phenomeno da attenção. Por isso, como diz S. Thomaz, a attenção, a escolha d'uma verdade, *subjacet libero arbitrio*, depende do nosso livre arbitrio.

E, se no campo das « verdades puramente especulativas, a vontade não tem nenhum interesse no erro e dirige a intelligencia no sentido da sua inclinação innata para a verdade », gerando a unidade dos espiritos nas fileiras scientificas e mathematicas, não acontece o mesmo no dominio das verdades religiosas e moraes.

Ellas guerreiam as nossas paixões, condemnam os nossos desvarios, nitidizando os nossos deveres, e, por isso, a vontade é-lhes *instinctivamente* opposta, a vontade está em conflicto permanente com ellas.

Demais, na lucta travada entre estas duas forças, as verdades religiosas e moraes não teem que desfrontar-se apenas com a opposição instinctiva da vontade.

O ambiente influe visivelmente na decisão da contenda; quando n'elle se cruzam os silvos d'aquellas theorias que Guizot qualificou de abjectas, e que não soffriam as nossas tendencias irrequietas de prazer, quando n'elle se levanta a poeira d'uma sensualidade baixa que tudo gangrena e corroe, o triumpho cabe á vontade, a vontade posterga e bane as verdades religiosas e moraes.

A idade em que esta phase de investigação se revela, é ainda um poderoso elemento que entra em jogo; marcando o ingresso no oceano encapellado do goso e do prazer, as verdades religiosas e moraes são ali fraco arrimo para a vontade, que o rijo tufão das paixões subjuga e vence.

E' uma quadra turbulenta e bellicosa, annunciada pelo alvorecer da razão, e que corresponde ao termo de transicção entre a creança e o adulto, aquella parte da vida em que as ambições se desfiam successivas, e os anhelos entretecem aureolas de rosas á juventude.

*

* *

Hoje, a razão amanhece entre o bramir da procella. A nossa juventude pode dizer-se que viu em dias borrascosos e agitados.

Debil, sem a compleição vigorosa da sua irmã de ha seculos, quasi a esmaga o derrocar de tantos paradoxos, e vacilla ante o chocar retumbante de tantos systemas contradictorios.

Embora amamentada sob o influxo da religião christã, estremece ao attentar na viva metralha que arremessam contra os flancos do Golgotha, ao deparar com a pra-

ça-forte da incredulidade contemporanea; e quando leva o seu Christianismo ao porta-objecto da razão, é hesitante e tímida que o faz.

Nunca o periodo de *investigação* se convulsionou tão fortemente nem a razão errou n'um vagabundear tão es-caldante.

Desnor-teia-a uma Sciencia, emplumando-se vistosa-mente, blasonando ter em si o porquê do universo, desfal-ce-a um pessimismo doente, gritando a nossa impoten-cia em attingir a verdade, mirrando os sentimentos altruistas, apagando as illusões.

Le Play denunciou « a loucura da sabedoria que se orgulhava de ter transformado em pó e lançado ao vento o rochedo das nossas fundações ».

O sabio honrado e illustre atagantava assim, o fallido materialismo de Büchner, o romantico monismo de Hæchel, o árido positivismo de Comte, o vago criticismo de Rénan e Strauss, todo esse acervo de theorias que fez gorar a philosophia incrédula, aquella que, na ponderação de Hulst, « reduz a quasi nada a origem das coisas e in-cumbe á inconsciencia penetrar o cahos — doutrina dos effeitos sem causa, da ordem sem ordenadôr, da intelli-gencia produzida por uma série de phenomenos cegos; doutrina que extrae o altruismo do egoismo e que, para aperfeçoar a moral, começa por divinizar o appetite ».

Prestando-se a um liberalismo cómmodo, enflorando o monturo das paixões, esta doutrina respingou para as vulgarisações corriqueiras que enxameiam as bibliothecas, transbordou para as edições baratas que pollulam nas livrarias, escorreu até aos jornaes que diariamente circulam, e a infiltram nos mais delicados intersticios das multidões impulsivas.

Orgulhosa e altiva, repellindo as concepções da me-taphysica por as não descarnar o gume do seu escalpello nem as descobrir a agudeza da sua lupa, é a primeira muralha em que a fé do jovem bate, e contra a qual, es-borôa as arestas mais vivas.

O accesso á muralha não é de typo a enrijar e enco-rajá a crença; como um sahará desolante, o terreno es-

palma-se em razos campos onde revolteia o simoun este-relisador do pessimismo.

O caminhar da civilização, avolumando cada vez mais as nossas necessidades, torna-nos o mundo dia a dia, mais aváro e mau.

« A creatura humana — escreveu Bourget na *Psychologie Contemporaine* — quanto mais civilisada é, mais pede ás coisas que sejam segundo o seu coração ».

Se aspiramos, anhelamos, as aspirações e os anhelos, as proprias vicissitudes da existencia, vão-se multiplicando a cada novo cumprimento do progresso.

A sensibilidade, exasperada por esta desproporção entre o avanço da força civilisadora e o avanço da potencia em fruir-lhe os resultados, adelgaça-se, apura-se ao extremo, e esta sobreexcitação irrita uma *hyperesthesia sensorial e affectiva*.

Depois, tudo nos parece mau, regado por lagrimas de dôr, nada nos satisfaz e nos sacia, nunca attingimos o ideal, gosamos o verdadeiro prazer; e esta desillusão, medrando n'um ambiente favoravel, acaba por perguntar-nos se no mundo haverá outra coisa que não seja o mal e a dôr.

O ambiente propicio forma-o o pensamento contemporaneo, ensombrado tristemente pelo pessimismo, vestido por elle do crepe algido e áspero do desalento.

« A minha alma nasceu com uma chaga » — soluçava Lammenais, E, como elle, os estylistas tingem a penna nas ulceras moraes, os vates arrancam da lyra accordes plangentes, os philosophos descarnam o espirito nos sarçaes agrestes d'um septicismo alvar.

Baudelaire cantou o mundo « um oasis de horrôr n'um deserto de enfado », e Richepin gottejou nas *Blasphemias* este humôr apodrecido do seu coração :

*La vie est une fête imbecile e banale
Où les masques dansants ont l'air, des condamnés,
Où des larmes de deuil coulent sur des faux nez,
Où les moins soucieux et les plus joyeux drilles,
S'arrêtent pour bâiller au milieu des quadrilles.*

Castilho pagou tambem o seu tributo, quando gemeu :

*Hoje, que a dôr triumphá, a magua impera,
Calco as leis de Zenão, as leis de Istôa,
Dictames philosophicos desprezo.*

Soares de Passos, na sua tristeza caracteristica, roçou pelas balisas do pessimismo :

*Amôr ! Engano que na campa fluida
Que a morte despe da illusão fallaz.*

Anthero foi entre os portuguezes o mais vivo typo de pessimista ; ora gargalhava sonorosamente :

*Estreita é do prazer na vida a taça ;
Largo, como o oceano é largo e fundo,
E como elle em venturas infecundo,
O calix amargoso da desgraça.*

Ora pranteava ralado, no *Tormento do Ideal* :

*Pedindo á forma, em vão, a idéa pura,
Tropeço em sombras, na materia dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe.*

Goethe, um genio potentoso e alevantado, transsudou para o *Fausto* o orvalho do desalento :

*Que ditosa illusão, suppôr que ao homem
seja dado emergir do mar dos erros !
O que é mistér saber ninguem o attinge,
e o que se alcança para nada presta.*

Leopardi, o cysne de Recanati, cobriu os affectos mais doces e ternos d'um manto negro e desprezivel ; o amor tinha-o como um erro, ao prazer taxava-o de chimera.

Vergado ao látigo de enfermidades dolorosas, o pes-

simismo adquiriu n'elle um caracter particular: — tornou-se quasi um instincto.

« Não me admiro — diz Charles Moicer — que esse pobre Leopardi tenha calumniado o Amôr e a Morte, em versos, afinal, admiraveis, quando me lembro que tudo se desviára n'elle, a columna vertebral e a vontade ».

Schopenhauer que guindou o pessimismo á cathegoria de systema philosophico, catalogou o bem-estar e a felicidade como *estados negativos*, e só a dôr como positivo.

A vida, d'uma crueldade estupenda, não merecia para elle, ser vivida; — o amôr era uma phantasia, a mulher um sêr odioso, a familia um laço para os simples, a patria uma idea bolorenta.

Tolstoi, retratando na sua *Anna Karenine* toda a vida de esposos, abominando-se e trahindo-se, gravando em todos os seus romances, e com uma nudez viva, o culto hoje tributado ao amôr-sensual, repelle inexoravelmente todo o acto corporal como indigno do sêr pensante. « Tolstoi — escreve um poeta recentemente convertido — viu bem que o homem, se procura a felicidade nos elementos mortaes da vida, está condemnado a sossobrar, quer n'este decremento moral que arrastam a assiduidade e a falsa sabedoria, quer no desespero ». E para salvar-nos do decremento moral e do desespero, preceitúa o celibato universal, o anniquilamento da humanidade pela castidade, sem attentar que na sua *folie impie et homicide*, como a rotulou Charles Moriér, trava ao homem o objectivo supremo da sua criação, estiola as flôres mais ternas e mais suaves da vida.

M.^{me} Ackermann nos seus gritos poeticos funde-se com o pessimismo cruel de Tolstoi:

*Oh! quelle immense joie aprèstant de souffrances,
A travers les débris, par dessus des tharniers,
Pouvoir enfin jeter ce cri de délivrance:
Plus d'hommes sous le ciel: nous sommes les derniers!*

Esta desillusão, amortalhando os pensadôres actuaes, correndo em todas as suas obras, agita em torvellinhos im-

petuosos o ambiente que o espirito da juventude tem a cruzar na ascensão para a Verdade.

Dolorosa é a travessia, que o pessimismo cresta as emoções grandiloquas, depauperas-as á mingua de seiva vivificante, que a sciencia incrédula ergue-se como uma muralha difficil de escalar.

A nossa juventude póde dizer-se que vive em dias borrascosos.

Manuel Cerqueira Gomes.

Alumno de Medicina.

CRITICA E LETTRAS

A Mulher

*Da Ex.^{ma} Snr.^a D. Virginia de
Castro e Almeida — Um livro in-
feliç.*

I

Christo e a Mulher

A Ex.^{ma} Senhora Dona Virginia de Castro e Almeida, Senhora que bem tem merecido das lettras portuguezas por outras obras de incontestado valor, lançou a publico ultimamente um livro *A Mulher*, onde tenta fazer a historia dolorosa d'ella. Temo muito que essa historia tenha ficado por fazer...

Um côro de louvores saudou esse livro. Tel-o-hiam lido?!... Custa bem ao critico não desfolhar rosas á passagem de pessoa celebrada, sobretudo quando essa pessoa é mulher! Portugal não é tão abundante de pessoas illustres que nos seja indifferente amarrar ao pelourinho de uma critica que não possa deixar de ser implacavel, as glorias da nossa terra.

O estudo que fez da influencia christã e catholica na

grande obra da reabilitação da mulher é, a meu ver, infeliz, e até inferior, — pelo que disse e pelo que deixou de dizer a tal respeito.

No capitulo II da *Mulher*, a Senhora Dona Virginia de Castro e Almeida estuda a *Mulher no Christianismo primitivo e na Edade Media*, isto é, no Christianismo e no Catholicismo. — E, se não cahiu em adoração deante da Pessoa sublime de Christo, não poude furtar-se a tributar a mais encendrada admiração Àquelle que ficou sendo a *Chave Mestra* da Civilização moderna.

— *A sua doutrina, empregnada de doçura e de misericórdia, abrangia pela primeira vez todos os infelizes sem distincção de patrias, castas, de sexos. Mas os seus olhos piedosos descansavam de preferencia sobre os mais desherdados da sorte, sobre os mais desprezados, sobre os mais opprimidos; e, naturalmente, a mulher, creatura dolorosa e torturada entre todas, foi das primeiras a entrar n'aquella concepção sublime da justiça e do amor, a legitimação dos direitos do ser humano.*¹

*Jesus envolve no mesmo amor o homem e a mulher; no seu coração a egualdade é absoluta entre todos. A injustiça que pesa sobre a mulher, indigna-o; e num impulso de equidade, colloca a peccadora ao lado do peccador; perdoa igualmente a ambos quando se arrependem. Condemna a polygamia; exige dos dois sexos a mesma fidelidade conjugal. Lega ao homem o direito de castigar a mulher adúltera, se elle proprio é peccador. A mulher esteril não lhe inspira repulsão. Para elle a alma da mulher é igual à do homem; tem os mesmos direitos ao arrependimento e à redempção. Não sanciona o direito da força, e a oppressão e o abuso são-lhe odiosos quer sejam exercidos sobre o homem quer sobre a mulher.*²

Está ahi, n'essas palavras, o evangelho da redempção historica da mulher. E o dador da magna-charta da egualdade essencial dos sexos foi Christo. — O essencial da reabilitação da mulher foi proclamado então: Christo mudou o eixo do mundo moral, lançando á terra a semente nova de novas ideias, cuja plena fructuação era função da historia. Era mister que

¹ *A Mulher*, pag. 52.

² *Ibid.* pag. 53.

ellas penetrassem lentamente os costumes, por onde as leis, n'uma lucta de seculos, não extincta ainda, contra o velho mundo que, apesar de tudo, continuava a viver na nova sociedade. — O reconhecimento da egualdade da mulher foi, no mundo moral, uma criação.

A auctora da *Mulher* parece entrevel-o: — « *Desde as edades prehistoricas até ao seculo XIX em que desponta o feminismo baseado na sciencia, não encontramos no destino da mulher coisa alguma que se compare ao enorme auxilio que o christianismo nascente presta á conquista da sua liberdade.* » ¹

Puro engano, porém.

Onde é que se traduz concretamente esse enorme auxilio que o christianismo nascente presta á conquista da sua liberdade? Que conquista se realisou em seu nome, por via d'elle?

Risum teneatis, omnia! A mesma pena que tracejou aquellas linhas, que são uma apologia da influencia christã, escreveu inconsideradamente pouco depois: *Diminuiu-lhe os soffrimentos? Abriu-lhe uma nova era de justiça?* — Não! ²

Desde *as edades prehistoricas até ao seculo XIX*, o auxilio que o christianismo nascente presta á conquista da liberdade feminina não tem nada de comparavel; todavia, é em plena Renascença, quinze seculos andados, que a mulher que não conhecera ainda o raír de uma esperança, que vivera sempre immersa na dor e na servidão, se vê de subito livre e independente — ³. O movimento da Renascença, iniciado na Italia, e que a pouco e pouco vae envolvendo outros paizes da Europa, tem uma influencia extraordinaria e decisiva no destino da mulher. — Sempre que a humanidade crê e confia na natureza, o seu desejo de aperfeiçoamento é mais efficaç; não ha religião que tão seguramente ensine a bondade. » ⁴

Se a primeira affirmação é verdadeira, como é possível que alguém, com um nome responsavel, illustre até, venha dizer isto... que é precisamente o contrario? Se é falsa, para que se escreveu?

¹ Ibid. pag. 55.

² Loc. cit. pag. 58.

³ Ibid. pag. 86.

⁴ Ibid. pag. 86.

A illustre auctora pode paraphrasear o grande Affonso de Albuquerque: mal com a verdade por amor dos homens, mal com os homens por amor da verdade.

Dir-se-ha:

Porém... o seu reino não é d'este mundo.

Jesus respeitava as leis estabelecidas...

Este mundo contava pouco para elle, e os seus olhos viam mais longe, além da realidade presente e das miserias terrestres. A noção que tinha da justiça e que tudo à sua volta negava, só podia ser consagrada nos ceus.

*A sua ideia de fraternidade entre todas as creaturas humanas não visava o corpo mas sim a alma. Os homens e as mulheres eram filhos e filhas de Deus e tinham igualmente direito ao amor e ao perdão divinos; sobre uns e sobre outros pesavam as mesmas responsabilidades e os mesmos deveres de aperfeiçoamento moral visando uma existencia futura para a qual a vida presente era uma simples preparação.*¹

Respondo: O seu reino não é d'este mundo, mas existe n'este mundo. Decerto, justiça inteira só será feita no outro mundo; mas não ensinou o Mestre que ella começasse a reinar n'este? Não oppoz á cidade antiga a justiça nova da cidade de Deus? E n'esta, não é um preceito imposto a todos prestal-a escrupulosamente? « *O Evangelho, diz Harnack, tratando da vida eterna, ensina como devemos viver n'esta* ».

— O Christianismo não é apenas um dogma, é tambem uma moral: não é só uma doutrina que se crê, é tambem uma lei que se pratica; se n'elle a mulher encontra *legitimação dos seus direitos de ser humano*, essa reabilitação operar-se-ha n'este mundo, na medida em que o Christianismo fôr ganhando as almas e transformando os costumes: os seus direitos serão assegurados n'este mundo com garantia do outro.

Jesus Christo formulou um direito novo para a cidade christã: n'elle, a mulher é collocada ao lado do homem.

— *Condemna a polygamia; exige dos dois sexos a mesma fidelidade conjugal. Nega ao homem o direito de castigar a mulher adultera se elle proprio é peccador. A mulher estéril não lhe inspira*

repulsão. Isto é a consagração d'um direito novo por meio de uma revolução profunda das ideias e dos costumes.

Como é que se pode vir dizer que o Christianismo não livrou a mulher *das suas attribuições inferiores e humilhantes*, que lhe não concedeu *na terra um logar ao lado do homem* que a collocou ao lado do homem *mas na gloria celeste*? ¹ Será, pois, na gloria celeste que Christo « *exige dos dois sexos a mesma fidelidade conjugal*?... »

E' no outro mundo que Elle *condemna a polygamia*?

E' lá que *a mulher esteril não lhe inspira repulsão*?...

Fallemos serio. Condemnar a polygamia, exigir dos dois sexos a mesma fidelidade conjugal, era proclamar inilludivelmente a egualdade essencial do homem e da mulher, fazer da mulher antiga, mulher-machina ou mulher-flor-do-vicio, — a companheira do homem, rehabilitada e digna, a mulher-alma e sentimento, a esposa, a mãe, igual em deveres, portanto, igual em direitos.

O maior passo na rehabilitação da mulher estava dado.

¿ Se esta nova ordem de coisas é a consagração de uma nova ordem juridica — a proclamação d'um direito novo — que vai informar as civilisações modernas, é licito dizer que *a sua ideia de fraternidade entre todas as creaturas não visava o corpo, mas sim a alma*, ou que *Jesus respeitava as leis estabelecidas*, querendo d'ahi concluir que as suas doutrinas, aliás favoraveis á mulher, não tiveram repercussão na ordem social e juridica antiga? que lhe não abriram uma nova era de justiça?

Mesmo que assim fosse — e não foi; — mesmo que o Christianismo tivesse sido um movimento puramente idealista, doirando de esperanças a alma triste dos infelizes — e foi mais que isso; como é possivel que quem escrevera que a mulher *fôra chamada pela primeira vez a um logar de honra, collocada ao lado do homem na gloria celeste, vendo o seu calvario de eterna desherdada transformado n'um caminho que tinha por fim a bema-venturança* ², tenha podido escrever mais adiante, a respeito da

¹ Ibid. pag. 55.

² Pag. 55.

mulher da Renascença, que a mulher até então *não conhecera ainda o raiar de uma esperança, que vivera sempre immersa na dôr e na servidão?*¹

A snr.^a D. Virginia de Castro e Almeida não pode comprehender a acção do Christianismo, porque não tem da dinamica da civilisação uma concepção sociologica. Para comprehender a evolução das sociedades é mister ser-se psychologo profundo: a historia é um vasto drama, que algumas vezes se converte em tragedia, em que todos os homens representam. Não curamos de saber agora se tem auctor: os christãos crêem que é Deus. E em nome da sciencia, que tem por objecto o estudo das causas segundas, não se pode affirmar-lo nem negar-lo. Mas os actores são os homens, movendo-se, agitando-se, luctando, morrendo, vivendo. Move-os o meio, a raça, os interesses e o ideal. O ideal é a mais profunda realidade psychologica, erro, embora, não importa aqui. E' a *alavanca do mundo. Encontra-se na base de todo o edificio de progresso que eleva ha milhares de annos a humanidade. — Babel, audaciosa que eleva o seu cume sempre para mais alto, lá para cima das regiões do raio celeste e das nuvens ameaçadoras*². Foi elle que ergueu no ar, magestosamente graves, as pyramides do Egypto, — montes de pedra erguendo-se angustiosamente para o ceu n'um sublime esforço tragico: e as civilisações, succedendo-se, passaram ao pé d'ellas, sem que o raio e a tempestade e o tempo e o homem pudessem abater aquelle mysterio em pedra. Foi elle que illuminou de sol os templos alegres da Grecia e animou o marmore eternamente palpitante dos seus deuses. Foi elle que levou os martyres christãos a fazerem da morte uma epopeia. Foi elle que ergueu entre a terra e o ceu, abrindo em flôr, no ar, as cathedraes da Edade Media; e rendilhou as suas flechas e furoú as suas paredes, e fez arder os seus vitraes e rosetas n'uma feeria de côr: — era a alma religiosa da Meia Edade que as alevantava e sustentava no ar, desprendendo-se da terra, n'uma magnifica espiritalisação da pedra. Os factos da historia são obra humana, podem conside-

¹ Pag. 86.

² Gustavo Le Bon, *Les premières Civilisations*, 183.

rar-se como manifestações da consciencia e da vontade modificadas por aquelles factores, do estado subjectivo dos povos. O proprio factor economico actúa psychologicamente.

Comprender a evolução das sociedades é comprehender o drama humano: é fazer como Shakespeare, analysar as almas, dissecar as suas crenças, as suas paixões, avaliar os seus interesses, — viver a sua vida.

As crenças são, no dizer de G. Le Bon, *de todos os factores de civilisação, talvez os mais poderosos*. São uma realidade psychologica e historica, uma força real capaz de modificar a consciencia da sociedade, forças motrizes da alma humana determinando novas formas de actividade pratica, novos sentimentos, novas regras de conducta, de onde novos costumes e novas leis. Uma crença que conseguiu affirmar-se na consciencia de um individuo ou da sociedade, actua como um principio de transformação e renovamento.

Só são profundas as revoluções que se operam na consciencia e nos costumes. Não foi Spartaco que acabou a escravatura; nem foi Augusto que sarou o imperio com as suas campanhas legislativas de moralidade; nem foi Marco Aurelio, a *philosophia* coroadada, que melhorou os homens; nem foram os Cesares que puderam abafar aquella magnifica affirmacão de consciencia que são os tres seculos de perseguições — a mais brilhante luta pela liberdade de consciencia que o mundo conhece: nunca as leis, se não são a expressão juridica de uma revolução previa das almas e dos costumes, puderam transformar profundamente as sociedades. Cabe á escola historica de Savigny a gloria de o ter definitivamente estabelecido.

O Christianismo, reconhecendo á mulher a sua dignidade de « ser humano », affirmando a egualdade de natureza d'ella e do homem visto que *para elle a alma da mulher é egual á do homem* e é a alma que caracteriza especificamente o genero humano, exigindo *dos dois sexos a mesma fidelidade conjugal* — o que era erguer a mulher do abatimento a que a reduzira o direito do mais forte na luta da vida, e colloca-la como egual ao lado do homem: virtualmente rehabilitara a mulher. A' concepção antiga e universal da inferioridade da mulher, basilar nas civilisações onde ella era a fragil e bella sacrificada,

succedia uma concepção contrária, onde a mulher apparecia resgatada. Operara-se uma revolução profunda. E essa revolução era estrutural, affectava os fundamentos até ahi inabaláveis do mundo antigo. Este ia morrer. Fora attingido na raiz. A organização social antiga só podia manter-se á custa do principio da inferioridade da mulher. Mas esse foi definitivamente arruinado. O eixo moral do mundo virou: o resto, a conquista lenta e progressiva da liberdade feminina, são episodios d'este facto fundamental. A historia da mulher começa então.

Depois d'isto, que significa dizer que *Jesus respeitava as leis estabelecidas*, se Elle de facto as ferira de morte? A civilização antiga seccára porque foram atacadas as suas fontes: restava-lhe morrer lentamente — cair. Foi o que succedeu.

« Os myopes não devem ler a historia », disse José de Maistre. A auctora da *Mulher* não comprehendeu esta acção profunda e substancial, porque lhe falta o senso da historia: d'ahi as contradicções essenciaes de que enferma o seu livro — o afirmar que o Christianismo fôra o facto culminante, até o seculo XIX, na redempção da mulher, e que elle lhe não abriera *uma nova era de justiça*; a afirmar que elle *respeitava as leis* depois de confessar que a mulher opprimida pelas leis e pelos costumes encontrara nelle *a legitimação dos seus direitos de mulher*; o afirmar que elle fôra o primeiro a abranger *todos os infelizes sem distincção de patrias, de castas, de sexos* na sua doutrina de doçura e de misericordia, para dizer depois que, na Renascença, a mulher *não conhecera ainda o raiar de uma esperança, que vivera sempre immersa na dôr, na servidão*¹; o afirmar que *o maior milagre de Jesus não se deve procurar entre as curas operadas pela suggestão e que a sciencia moderna explica e reproduz*²; o maior milagre de Jesus foi a transformação

¹ Pag. 86.

² Pag. 56. A improvisada exegeta esqueceu-se de dizer *quando e como* a sciencia o faz, por exemplo quando resuscitou um morto; e desconhece estas palavras do proprio inventor da terapeutica suggestiva, o doutor Bernheim: *La thérapeutique suggestive, féconde en resultats heureux dans un tres grand nombre de cas, n'est pas infallible... Aucune suppléance organique n'est possible. Aucune médication ne peut restaurer ce qui est détruit.*

da alma feminina, foi o jardim maravilhoso que o seu gesto de amor fez brotar na aridez do deserto (por onde parece provar-se que o reino de Deus tambem existe n'este mundo) e n'outro logar referir-se a estes como áquelles tempos em que a mulher não revelara ainda o seu valor.¹

E é esta senhora illustre que nos vem dizer que *Jesus não era um legislador ou um sociologo!*² De certo, Jesus não foi um revolucionario nem fez profissão de sociologia: mas foi, por um modo que a ex.^{ma} snr.^a D. Virginia de Castro e Almeida não comprehendeu, mas mais psicologico e efficaz, o legislador da consciencia das sociedades modernas, de tal modo que Rénan poude dizer d'Elle que era *a luminosa figura que ainda hoje guia todos os dias os destinos do mundo.*

O Christianismo foi historicamente a revelação da mulher. A' sua voz, ella toma consciencia de si—do que é e do que vale; e, agradecida, ella vae fazer da sua vida uma obra de arte: um poema, um cantico, uma oração, um ensinamento—vae ser mulher. *Todos os thesouros obscuramente accumulados na sua alma espesinhada atravex dos seculos, resplandecem: a compaixão pelas miseriãs e dôres tão suas conhecidas, o amor constantemente esmagado no fundo do seu coração, a caridade que ninguem tinha tido por ella e cuja falta a fixera soffrer tanto, o perdão que nunca alcançara, a misericordia que sempre lhe fôra negada, todas as virtudes que Jesus ensinára e cujo bendito orvalho teria sido a sua redempção, brotavam agora na sua alma tornada abruptamente comprehensiva*³. E' a mulher sentindo-se mulher, a mulher affirmando-se igual ao homem no heroismo e na virtude, a mulher reconquistando os elementos dissociados da sua dignidade de ser humano—a mulher rehabilitada.

*Se a mulher foi a verdadeira fundadora do Christianismo*⁴; *se o exemplo irresistivel da sua caridade e da sua abnegação, os prodigios do seu amor, criam milhares de proselytos*⁵, se o

¹ Pag. 155.

² Pag. 55.

³ Pag. 56.

⁴ Pag. 56.

⁵ Pag. 57.

*mundo antigo cede, dominado, encantado, maravilhado pela belleza moral e força de alma da creatura a quem negára até então a qualidade de ser humano*¹: é que uma enorme revolução se operara nas ideias e nos costumes e que a mulher tomara consciencia d'ella.

Essa revolução vinha inaugurar uma nova ordem social visto que tinha da mulher um conceito incompativel com a sua habitual escravisação. Era um mundo novo succedendo-se ao que ia morrer.

— E a prova é que a mulher christã é outra: já não é a mulher-escrava nem a mulher-hetaïra, é simplesmente a mulher-nova.

Dizer que *o Christianismo foi o elemento que serviu á mulher para ella dar ao homem a medida das suas capacidades e do seu valor*² é, equivalente, em linguagem sociologica, a isto: o Christianismo rehabilitou a mulher. As conquistas no campo legal eram fataes mais tarde ou mais cedo, désque já se tinham ganho, mercê do Christianismo, mais difficeis e mais estaveis e mais efficazes, no terreno da consciencia e dos costumes. Como é que quem escreveu aquillo, pôde inscientemente exclaim immediatamente, a seguir: *concedeu-lhe algum privilegio? Diminuiu-lhe os soffrimentos?* — Não!

Jesus Christo procedendo assim, confiando do futuro e da transformação das consciencias e dos costumes o que a Ex.^{ma} Snr.^a D. Virginia de Castro e Almeida fia das leis, encontrou-se com as conclusões mais recentes e solidas da psychologia, sociologia e sciencias politicas modernas, ao passo que a Auctora da *Mulher* ficou ingloriamente amarrada á superstição das leis!

Rénan comprehendeu admiravelmente esta acção do Christianismo n'uma pagina luminosa a respeito da escravatura: *Foi d'um modo indirecto e por via de consequencia que o Christianismo contribuiu poderosamente para mudar a situação do escravo (léde: da mulher) e apressar o fim da escravatura. O papel de o Christianismo foi o de um conservador esclarecido que serve*

¹ Pag. 57.

² Mulher, pag. 57.

o radicalismo pelos seus principios, tendo no entanto uma linguagem muito reaccionaria. ¹

Quasi subscreveríamos esta confissão insuspeita, se o Christianismo não tivesse, sobre isto, positiva e directamente elevado a condição da mulher, outorgando-lhe direitos de ser humano e collocando-a ao lado do homem, como sua igual, na sociedade por elle directamente inspirada, nomeadamente no casamento.

O dilema fica assim posto:— A Snr.* D. Virginia de Castro e Almeida faz duas affirmações contradictorias no seu livro, que o Christianismo trouxe á mulher *a legitimação dos seus direitos de ser humano* e que lhe não abriu *uma nova era de justicia*; uma das paginas tem de ser rasgada: se a primeira, soffre a verdade historica, se a segunda, soffre esta e a sociologia. Eu propriaria que fossem rasgadas ambas...

II

A auctora da *Mulher* julga, porém, ter assaz encomiado a doutrina de Jesus, *a sua encantadora doutrina de amor e de renuncia*; e, como quem se arrepende do que dissera, n'um novo lanço de penna, ao titulo — *Fusão do Christianismo e do Paganismo*, vae emendar a mão marcando ao fogo da sua critica as aberrações do ensino de Jesus. Quando a sua *luminosa figura desaparece da terra, as paixões humanas tomam conta da sua doutrina e fazem-na reverter ao serviço do paganismo.* ²

Uma conclusão resulta d'estas palavras — a pureza das doutrinas de Jesus.

Prosigamos. Quem corrompeu a sublime immaculabilidade do ensino do Mestre? *As paixões humanas!* Duvidaes?

— *S. Paulo, Santo Agostinho, Santo Ambrosio, Tertulliano, os Apostolos, camponexes ingenuos e ignorantes.* ³

Como?

— Fazendo reverter a doutrina de Jesus *ao serviço do paganismo!*

¹ Rénan, Marco-Aurelio, 609.

² Pag. 60.

³ Pag. 60 e seg.

— Os homens que morreram heroicamente luctando contra o velho mundo pagão! o escol mais puro da humanidade! a flor immaculada que brotou, pura e santa no meio do amphiteatro, do sangue do martyrio!

Mas devagar. Elles, — o lyrio da virtude florindo sobre um mundo apodrentado — apostados *ao serviço do paganismo!* Elles — os mestres da virtude humana mais sublime — *as paixões humanas!*

A logica é cruel! Andando.

Que ensinaram elles, pois?

S. Paulo intimou: *Mulheres, submettei-vos aos vossos maridos como ao Senhor.* ¹ — Era a consagração da eterna sabedoria do mundo, pregando a paz, e a proclamação d'um principio que se prova em sociologia — que a familia deve ter um chefe e esse chefe é o homem. Que ha de commum entre isto e o desprezo pagão da mulher?

Santo Agostinho prefere o celibato ao casamento. Santo Ambrosio declara que o celibato é o estado dos anjos. ² — Eis o que se chama fazer reverter a doutrina de Christo ao paganismo! E é todavia a continencia a nota caracteristica que separa os christãos dos pagãos, segundo S. Paulo! O quê? A virgindade, a virtude suprema do Christianismo, a flôr imperecível, o sublime triumpho da alma humana, é uma corrupção pagã do christianismo?!... A assucena mystica da castidade, a virtude que põe neve nos olhos, floriu do sensualismo desenfreado, rubro de sangue estuante, ardente, remordido de impetuosidades senis do paganismo! Basta!

Tertulliano diz que os filhos são um obstaculo á salvação da alma. ³ — Que o dissesse, que tinha? O que importa saber é qual o ensinamento do Christianismo, que não é responsavel pelos erros de um homem. Ora o Christianismo tomou a si a defeza, em todos os tempos, da vida dos filhos, do seu direito a viver. Quando abençoa um casamento, a Igreja pede a Deus que fecunde a união e multiplique os seres que se amam, n'um

¹ Pag. 60.

² Pag. 61.

³ Pag. 61.

terceiro — producto dos dois —, em muitos. Um dia, quando o Christianismo poude influir directamente nas leis, foram tomadas medidas rigorosas a favor dos expostos.

Expôr um filho ou mata-lo, é um crime semelhante disse Lactancio. Quem fez um crime da esterilisação voluntaria, senão o Christianismo? E quem é que hoje, como então no imperio romano, defende o direito de impedir o nascimento dos filhos? Temo que sejam os partidarios das doutrinas que defendeis... Ademais, sabido é aos não hospedes da historia que Tertulliano foi um heretico que abraçou o montanismo, heresia que a Egreja condemnou por demais rigorista.

Os Apostolos, *na sua qualidade de orientaes, ensinavam por instincto o desprezo da mulher* ¹. — A Senhora D. Virginia de Castro e Almeida, auctora de varios livros, não tinha o direito de escrever o que ahi fica. Deixamo-la amarrada a essa affirmacão — que não provará — para sua infamia scientifica.

... *Ainda quatro seculos não tinham decorrido sobre a sua morte (de Christo) e já o Christianismo se via provido de um ritual pomposo* ². — Mas, succedendo assim, aconteceu que os interesses da arte e do Christianismo se achavam identificados. Apesar da má-vontade da illustre escriptora, a Civilisação é reconhecida por isso ao Christianismo. Mas foi uma corrupção pagã do Christianismo? Não. — A pomposa liturgia da Egreja está intimamente ligada ao sentido da ideia christã: é a sua expressão externa, é um corpo contendo uma alma — o Christianismo. Ha infiltrações pagãs no cerimonial religioso? Mas tambem ha necessidades communs na alma humana, que suppõem uma expressão semelhante. O culto externo é uma necessidade de qualquer religião. Uma religião sem culto externo seria incompleta: seria como um pensamento sem linguagem. A psychologia assentou definitivamente esta verdade inconcussa: um sentimento que se não traduz externamente é um sentimento que está prestes a morrer, um sentimento vivo tende naturalmente á sua expressão externa pro-

¹ Pag. 61.

² Pap. 62.

porcionalmente a sua intensidade. — Não é verdade que Jesus nunca deu exemplo de ascetismo exterior, nunca ensinou um rito, uma forma ostensiva de culto ¹.

Estamos longe da pureza das doutrinas de Jesus. Pelo menos, toda esta tentativa de prova visa apenas um fim: mostra a *Fusão do Christianismo e do Paganismo*. O caminho percorrido pelo desvairamento dos homens desde que Jesus ensinou a sua encantadora doutrina de amor e de renúncia nas margens do lago, é enorme ².

Logo Jesus ensinou (uma) encantadora doutrina de amor e de renúncia. Corrompeu-a o desvairamento dos homens. Quando? Quando a sua luminosa figura desaparece da terra, as paixões humanas tomam conta da sua doutrina.

Crêde-lo? Imbecis! Foi Jesus que... ensinou os princípios que os corruptores da sua doutrina desenvolveram. E' a ex.^{ma} snr.^a D. Virginia de Castro e Almeida que o diz!

— As palavras de Jesus sobre o desprezo de todas as ligações humanas do sangue e do amor em frente de Deus, originaram o impulso formidável dos fieis para o celibato. A virgindade era o estado considerado mais agradável a Deus ³. O amor sexual, a familia, a maternidade são coisas que não prenderam a atenção de Jesus. A sua propria familia representa um papel muito secundario na sua vida, e a sua mãe quasi que não apparece nos evangelhos ⁴.

E para que não fique duvida alguma no nosso espirito de que os.. corruptores da *encantadora doutrina de amor e de renúncia* interpretaram... a doutrina de Jesus, accrescenta: «Depois da sua morte esta ideia cresce. Santo Agostinho prefere o celibato ao casamento...»! ⁵

Donde se conclue, pelo proprio raciocinio da illustre auctora da *Mulher*, que o Christianismo se fundiu... com elle mesmo, se exceptuarmos algumas accidentaes influencias, aliás sem importancia doutrinal, do ritualismo pagão.

¹ Pag. 62.

² Pag. 63.

³ Pag. 59.

⁴ Pag. 60.

⁵ Pag. 61.

A Snr. D. Virginia de Castro e Almeida fez mal em abordar uma altissima questão de exegese, que faz o desespero de Harnack e Loisy, para a qual não tinha competencia...

Pergunta-se: — que fica apurado de tudo isto? — Que a auctora da *Mulher* não sabe ao certo o que pensa a respeito do Christianismo; pelo menos, não é possível surprehender uma ideia directriz — uma orientação superior — que defina um espirito synthetico capaz de comprehender superiormente, n'uma intuição profunda, a evolução historia.

Restrinjamos a questão. — Em relação á mulher, o Christianismo atraçou a sua doutrina primitiva? Não. A dignidade da virgindade é uma doutrina inteiramente christã.

De facto, a doutrina da virgindade attribuia um altissimo valor moral á mulher e consagrava dois principios — a sua independencia e a sua dignidade. — A mulher não é já a escrava do homem que tem por missão dar-lhe filhos ou dar-lhe prazer: é um ser dignissimo, resgatado como o homem pelo sangue de um Deus, chamada a subir ao seu lado a escada cheia de luz da virtude. Tem um valor proprio, porque é uma individualidade a quem Christo marcou um destino proprio, independente do homem. — Era uma concepção da mulher completamente differente da do mundo antigo.

Mais: O Christianismo engrandecendo no animo dos crentes a doutrina da virgindade, affirmava o que o mundo antigo desconhecerá sempre — o valor incomparavel da alma feminina. Era desarmar o homem, senhor da força, deante da flôr delicada e pura da virtude. O homem respirava de joelhos a graça feminina. — O egoismo masculino, que subjugara a fraqueza encantadora, morrera desde que o homem foi obrigado a ajoelhar deante de uma virtude superior ao encantamento dos sentidos.

— Como podia mais o homem desprezar a mulher, que se lhe revelava igual e superior a elle na virtude, que elle se habituara a vêr numa atmospherá tranquilla de oiro e luz que nenhuma tempestade de paixão pudesse perturbar?

O Christianismo entregou a mulher a si mesma, depois de lhe revelar a alma d'ella. — E é a mesma penna que accusou o Christianismo por ter posto na virgindade (não gosto da pa-

lavra celibato, que bem pôde ser uma fôrma refalsada de egoísmo) o maior meio de reabilitação feminina, que vae tomar a defeza do celibato feminino contra Rousseau: — *Querer educar todas as mulheres tendo só em vista o seu futuro logar no lar, é tão absurdo como querer educar todos os homens tendo só em vista o seu futuro logar no campo de batalha!* ¹

A verdade impõe-se, até aos que mais resistencia lhe oppõem. Com que estremecimento de admiração a snr.^a D. Virginia de Castro e Almeida falla da *fundadora da Cruz Vermelha, a iniciadora e propagandista do movimento pedagogico do seculo XIX, a Irmã de Caridade que abandona o conforto, a segurança e a felicidade do lar, e parte sem uma hesitação para todos os pontos do mundo (os mais inhospitos e terriveis) onde a dôr humana a chama!*... ²

Afinal, a alma da auctora da *Mulher* é melhor que as suas ideias. Respeito a delicadeza de alma que não teme passar por cima da contradicção, para depor junto da virtude o tributo da sua homenagem. Mas o critico tem o dever de assignalar a contradicção...

Ha, porém, nas palavras da sr.^a D. Virginia de Castro e Almeida, mais que erros de apreciação provenientes de ausencia de educação critica, erros de facto. Porque o Christianismo fez da virgindade o mais bello titulo de gloria dos dois sexos, não se segue que o casamento e a maternidade sejam *necessidades que tem de continuar a existir, tributos que a fraqueza humana tem de pagar, signaes de inferioridade dos mortaes* ³.

O Christianismo respeitou sempre a magestade augusta da maternidade. Ha no Christianismo uma Mulher que é a apotheose suprema das virtudes do seu sexo — Maria. Nas tres joias da sua triplice coroa, lêde: Virgem, Esposa e Mãe. Por isso a Egreja a saudou:

Ad inclytum Matris decus
Te Rex supremus extulit

¹ Pag. 131.

² Pag. 166.

³ Pag. 61.

O casamento é santo. « Aquelle que casa a sua filha, faz bem », diz S. Paulo ¹; « e aquelle que a não casa faz melhor ». Ora eu creio que *melhor* é comparativo de *bem* . . . Os que o realisam comettem uma acção boa. São os cooperadores de Deus na grande obra da creação. Na sua frente ha alguma coisa de divino. Constituindo-o um sacramento, o Christianismo elevou-o á mais sublime dignidade.

Não, a snr.^a D. Virginia de Castro e Almeida tem obrigação de respeitar o seu nome, que muita gente em Portugal diz illustre, com ou sem a ter lido, não encampando ao publico que lê, como de bom quilate, o oiro falso de historias de almanach . . .

Onde viu que *o amor sexual, a familia, a maternidade são coisas que não prenderam a attenção de Jesus?* » ²

Pois não foi Jesus que restaurou a familia?

Dos trinta e tres annos da sua vida que foi *uma doce claridade que logo se apagou*, trinta foram gastos em nos dar o exemplo mais bello da obediencia filial. E quando Jesus inaugurou a sua vida publica, começou a sua obra de redempção social pela familia, abençoando com a sua presença um casamento: e para mostrar que não vinha amaldiçoar as alegrias puras da terra—as santas e innocentes festas da familia—por uma tocante condescendencia, realisou o milagre da mudança da agua em vinho. Foi o seu primeiro milagre. E realisou-o a pedido de sua Mãe. Os maiores milagres da sua vida, os mais brilhantes e extraordinarios, foram-lhe arrancados pelas lagrimas de paes e de irmãs—homenagem aos sentimentos que a familia inspira: taes foram as tres resurreições operadas por Jesus. E quando pendia da cruz, exangue e livido, contracturado pelas dôres, com os olhos limpídos vidrando-se á approximação da primeira morte—a perda dos sentidos, nas ralas estertorosas da agonia, não pensava n'elle: quiz, agora que ia perder a vista, ficar a vêr sempre a imagem bemdita de sua Mãe, pousou sobre ella os olhos e re-

¹ Igiter et qui matrimonio jungit virginem suam, bene facit. Ad Cor. viii, 38.

² Pag. 60.

commendou-a n'uma voz de infinita ternura ao discipulo amado. E... morreu.

Jesus não fez como os revolucionarios, que com rajadas retoricas inflamadas proclamam direitos e não ensinam deveres, que são a garantia dos direitos dos outros. Prégou deveres e fe-los praticar pela humanidade, o que é a unica maneira de assegurar os direitos.

Fallou pouco: mas operou a maior revolução que o mundo nunca viu.

Conclue no proximo numero.

Gonçalves Cerejeira.

NOTAS D'ACTUALIDADE

A morte christã de Vigny

Alfredo de Vigny escreveu no seu *Journal* ao esboçar o romance *d'un homme d'honneur*: « Na hora da sua morte, fita com respeito a cruz, cumpre como uma fórmula os seus devêres de christão, e morre silencioso. » O padre Vidal, paroch de Bercy, afirma ter recebido a confissão do poeta no seu leito mortuario. Já não ha ninguem que conteste a existencia d'esta confissão final, mas, tirando partido da declaração do *Journal*, ha quem, pretenda negar-lhe a sinceridade, vendo-a tambem como uma fórmula. Assim é que Mauricio Allem, um dos ultimos biographos do poeta, depois de ter affirmado que, « parece não soffrer duvida, que Alfredo de Vigny se houvesse confessado, » accrescenta todavia que tambem parece « não ser possivel afirmar que elle morrêsse em sentimentos christãos. »

E no entanto a leitura do *dossier* da questão julgo não poder deixar duvidas a um espirito sem preconceitos.

Este *dossier* compõe-se de duas cartas, uma dirigida pelo

parcho Vidal ao padre Langlois, em resposta a um pedido de esclarecimentos ácerca dos ultimos momentos do poeta, foi inserida n'um artigo dos *Etudes religieuses*, em maio de 1864 (nova série, tomo IV, paginas 265); a outra, escripta no dia seguinte á morte de Vigny a madame do Pré de Saint-Maur, sua prima, por madame C. d'Orville, que era visinha do poeta, foi publicada pela *Revue de Paris*, a 15 de julho de 1900. Estes dois documentos são perfeitamente concordes. Madame d'Orville, conta que quando viu aggravar-se a doença de Vigny, pensou em procurar o ministerio d'um padre, mas não ousára encarregar d'isso nem informar da sua intenção ás duas creadas do poeta, que eram protestantes. Foi uma d'estas, Sophia, que, certamente, por instrucções de madame de Saint-Maur lhe veiu pedir um dia que mandasse chamar o parcho Vidal. Este estava relacionado com Vigny de ha longos annos, e a sua visita não podia surprehender o poeta. Immediatamente elle se apresentou, « como por acaso » e durante muito tempo ficou junto do doente que, de tarde pareceu a seus enfermeiros mais contente que de costume.

Um primo de Vigny, M. Peyronnet, contou a Augusto Barbier que n'esse dia se encontrou na escada com o padre Vidal, que sahia do quarto do poeta e que lhe disse: « acábo de conversar com o pobre moribundo: a coisa fez-se. » Mas o parcho de Bercy indubitavelmente, esqueceu-se de dar parte do bom resultado da sua diligencia na rôda que assistia ao doente, porque alguns dias depois Sophia, uma das creadas de Vigny, voltou a casa de madame de Orville, para novamente lhe pedir que chamasse sem tardança o padre Vidal.

D'esta vez, Madame de Orville foi pessoalmente a Bercy. Vidal declarou-lhe então que havia confessado o Alfredo de Vigny a sua visita precedente cujo minucioso relato lhe fez. Informando o doente da sua proxima partida de Paris, accrescentara que não queria abandonal-o sem lhe haver feito cumprir o dever religioso. Vigny logo se lhe entregou sem resistencia: tirára o górrro e fizera a sua confissão com muito respeito e seriedade. Como Vidal lhe quizesse apertar a mão felicitandó-o, Vigny abraçara-o dizendo-lhe: « senhor cura, acaba de praticar uma boa acção ».

Durante a sua conversa o enfermo comprazêra-se em

lembrar que muitos dos seus parentes haviam entrado em ordens religiosas, que elle era d'uma raça religiosa e quasi sacerdotal e terminára por estas palavras textuaes: « Eu sou catholico e môrro catholico ».

O padre Vidal accrescentava que, servindo-se do annuncio da sua partida (retardada, mas de resto eminente) para precipitar a decisão do doente, não julgava prudente tornar a visitar aquelle, que já o pensaria ausente; que não era conveniente introduzir em casa de Vigny um outro padre, antes era preferivel, no seu entender, appellar para o clero da parochia quando, vissem que o fim se approximava, para lhe administrar a Extrema-Unccão.

Na sua carta ao padre Langlois, o padre Vidal conta que antes da entrevista decisiva já elle por muitas vezes, induzira o enfermo a confessar-se e que Vigny, sem nunca o repellir, apenas manifestara desejo de esperar mais um pouco. Acerca de esta entrevista, a sua narrativa é inteiramente conforme á de Madame de Orville.

A este testemunho tão firme e tão preciso, que oppõem os adversarios? Sómente uma negação embaraçosa: « Alfredo de Vigny, escreve Luiz Ratisbonne, não me deixára ignorante da visita de padre Vidal, a quem simplesmente, contára a sua vida; eu nunca comprehendí e não poderia admittir que esta narrativa tivesse o character de uma confissão. » Se elle o não comprehendeu é porque não quiz ouvir. Foi por simples cortezia, como elle pretende, que um gentilhomem tão pouco expansivo, como era Vigny, chegou a *contar a sua vida* a um padre? E como acreditar que um confessor tão intelligente como era o padre Vidal, pudesse abusar a tal ponto d'uma simples conversa que teve com o moribundo? Seria melhor negar brutalmente a sua veracidade. Ratisbonne não o ousa fazer, mas ainda que o fizésse, um homem de boa fé não exitaria entre negações interessadas e sem provas dos seus contraditores e a sua affirmacão cathgorica, feita por duas vezes, a Peyronnet e a madame de Orville no proprio momento do facto e sem preocupação alguma da publicidade (a carta ao padre Langlois só seis mezes mais tarde foi escripta).

A narrativa dos ultimos momentos de Vigny vem-nos confirmar a convicção de que a sua confissão não foi uma

fórmula, e de que elle não morreu, como Ratisbonne pretende, « na firmeza das suas opiniões philosophicas. »

Aquelle que escreveu :

« Prier, pleurer, gémir est également lâche...
Souffre et meurs, sans parler. »

foi felizmente infiel a este programma doloroso. Não morreu *em silencio* e rezou, implorou a misericordia d'aquelle Deus que elle outr'ora se jactára de afrontar, no seu leito de morte, pelo feroz emudecimento dos seus labios. Madame de Orville informa que, a ultima noite foi muito dolorosa, o moribundo não cessou de clamar ás suas duas creadas :— « Rezem por mim ! Oh ! rezem a Deus por mim ! »

Vidal affirma que Vigny pediu a Extrema-Unção. Madame de Orville diz apenas que de manhã uma das suas enfermeiras foi procurar um padre. Seja como fôr, bem que péze a Mauricio Allem, não só é possível mas tambem um dever de lealdade, affirmar que Vigny « morreu em sentimentos christãos. »

No cincoentenario da sua morte, á hora em que, cahidas no dominio publico, as suas obras são vulgarisadas em edições de modico preço, e com ellas as suas blasphemias contra a Providencia, julgámos de nosso devêr esclarecer esta conversão final, que lhe dá desmentido consoladôr.

J. Laurec.

(Da *Semaine Litteraire*).

Sobre a evolução das sciencias sociaes

Sabe-se que, á medida que uma sciencia vae progredindo, á medida que as suas noções se vão tornando mais claras e precisas e as suas leis a vão expurgando de erros e preconceitos, ella vae sendo invadida pela Mathematica.

Esta invasão não se faz, porém, sem certa resistencia da parte da sciencia invadida.

As sciencias, nascem muito orgulhosas e rebeldes e raras são aquellas que não passaram a maior parte da sua infancia a correr á pedrada a Mathematica que para ellas não passava d'uma velhota inutil e rabujenta.

Isto deu-se com quasi todas as sciencias já constituidas, e está-se a dar com outras em via de formação.

Mas, logo que a experiencia lhes ensina alguma coisa de preciso e verdadeiro, as sciencias em formação principiam a ver-se em embarços para ennuñciarem as suas leis n'uma linguagem tão precisa como ellas. E n'essa altura começam a ver que as rabugices da velhota não são tão descabidas como á primeira vista lhes parecia, e começam a servir-se d'ella para o ennuñciado das suas leis.

A Mathematica entra assim ao seu serviço como uma especie de creada de fóra da Experiencia.

A' medida, porém, que essas leis se vão fundindo e alargando em leis mais geraes, o papel da mathematica vae-se tornando tambem mais vasto e mais necessario.

N'essa fusão e generalisação das leis, já a Mathematica desempenha, em geral, um papel insubstituivel.

A certa altura nota-se que todos os factos que cahem de baixo da alçada da sciencia em questão, podem explicar-se por um pequeno numero de leis susceptiveis de serem expressas por equações e os papeis da Mathematica e da Experiencia mudam por completo.

A Mathematica começa a governar como soberana e a Experiencia a servir como criada.

Isto é um facto constante na historia das sciencias.

Mas é tambem um facto que todas as sciencias no seu inicio se recusam a acceitar a collaboraçaõ da Mathematica. E' o que se está dando actualmente com todas as sciencias sociaes, e é esse facto que nós tentaremos explicar no presente artigo.

Quando uma sciencia está no seu principio, a falta de delimitação do seu objecto e a pouca precisão das suas leis, fazem d'ella um manancial de phantasias que os charlatães aproveitam para explorar a ignorancia e os litterattos procuram para pasto da sua imaginação.

Quer a sciencia recém-nascida caia nas mãos dos littera-

tos, quer nas mão dos charlatães, em breve fica desacreditada por largo tempo no conceito dos homens de sciencia.

Não obstante isso ella vae-se desenvolvendo e precisando. Da discussão entre os litteratos com mais aptidões scientificas vae sahindo alguma luz que desmascara os charlatães e afugenta os litteratos só capazes de fantasia. Assim começa a selecção entre os cultores d'uma sciencia.

Nas primeiras discussões entram apenas razões d'ordem muito geral, os argumentos são todos *à priori*. Com o tempo, porém, a insufficiencia d'esses argumentos começa a manifestar-se e a necessidade da observação e, em seguida, da experiencia a impór-se.

Mais um passo para o desenvolvimento da sciencia e um novo elemento de selecção entre os individuos que d'ella se occupam. Porque a experiencia torna-se em breve muito arida e a litteratura que d'ella derive muito aborrecida.¹

E este facto aparta d'ella uma nova camada de litteratos.

E é curioso notar como, a cada progresso d'uma sciencia corresponde uma selecção entre os individuos que d'ella se occupam e como a cada nova selecção corresponde um novo progresso da sciencia.

Nas primeiras observações que se fazem no campo d'uma sciencia, os phenomenos observados classificam-se, em geral, segundo a impressão que elles produzem no observador. E se os phenomenos são de ordem social, o observador é muito naturalmente levado a explica-los, não pela comparação dos mais complexos com os mais simples, mas sim pelas sensações que uns e outros n'elle produzem.

E isto é, a principio, um grande bem porque o estudo do mundo exterior pela sua imagem na nossa consciencia é facilmente guiado pela intuição. N'estas condições basta ella para fazer descobrir um grande numero de leis.

Mas á medida que essas leis se vão tornando mais claras e precisas, a insufficiencia da base das classificações começa a fazer-se sentir. As discussões surgem mais vivas, as diver-

¹ Dizia, se a memoria nos não falha, Thiers que a Economia Politica era a mais aborrecida das litteraturas.

gencias mais profundas e a formação das *Escolas* torna-se inevitável.

As rivalidades das *Escolas* obrigam-nas a dar ás suas leis enunciados cada vez mais claros e precisos.

Dentro em pouco a insufficiencia da linguagem vulgar para satisfazer a essa necessidade torna-se manifesta.

Em breve se nota que muitas discussões se poderiam ter evitado se houvesse mais clareza no enunciado das conclusões de cada *Escola*. E para evitar este e outros inconvenientes de linguagem vulgar, as diversas *Escolas* começam a adoptar, ainda que com certo escrúpulo, a linguagem *Mathematica*.

E' o esboço d'um novo passo no caminho do progresso.

Mas, uma vez a *Mathematica* introduzida no campo d'essa sciencia, a escola que melhor souber manejar esse tão maravilhoso como complicado instrumento, começa a avantajarse ás outras muito sensivelmente.

E' o esboço da selecção correspondente ao progresso em via de formação.

Agora, porém, surge uma difficuldade. Os elementos que o progresso tende a eliminar não estão, n'esta altura, desorganizados e dispersos como nas primeiras phases. Agora acham-se grupados em *Escolas*, o que lhes dá uma possibilidade de resistencia que aos primeiros faltava por completo.

D'ahi a resistencia e a lucta. E como não pódem atacar a logica da sua rival commum, que é inatacavel no seu encadeamento mathematico, contestam a legitimidade do emprego da *Mathematica* na sciencia em questão.

E como relacionam os factos do mundo externo, não entre si como deviam, mas com as suas imagens na consciencia, segundo a rotina, essas *Escolas* póde ter a illusão de que estão na verdade. Assim, Ives/Guyot diz na sua *Sciencia Economica*:

« O valor d'uma utilidade está na razão inversa da offerta e na directa da procura » e define:

« *Offerta*, como sendo o *desejo* de adquirir utilidades que se não possuem em troca d'outras que se possuem ; » e « *procura*, como sendo o *desejo*, acompanhado de meios de compra, de adquirir uma utilidade qualquer. »

Ora, dizem os adversarios da *Escola Mathematica*, como

exprimir por meio d'uma equação « a lei da offerta e da procura »? E' lá possível relacionar numericamente dois desejos?!

Evidentemente que não. Debaixo d'este ponto de vista, os adversarios de Escola Mathematica teem todos a razão.

Mas modifiquemos as definições.

Chamemos *offerta* á quantidade d'um dado producto que apparece á venda em certo mercado; chamemos *procura* á massa monetaria que apparece para a comprar.

E com estas definições, « a lei de offerta e da procura » fica reduzida á definição de preço e pôde enunciar-se assim:

« O preço d'um producto é o quociente da divisão da procura pela offerta. »

Não se poderá dizer que estas definições e este enunciado (que tambem é uma definição) sejam menos precisos e verdadeiros do que os de Ives Guyot. Comtudo ellas differem profundamente.

Guyot relaciona factos de ordem externa com factos de ordem interna. Nós relacionamos entre si factos de ordem externa sómente. E' por isso que aos primeiros se não pôde applicar a Mathematica, emquanto que aos segundos ella se applica muito naturalmente.

Pacheco d' Amorim,

Professor assistente na Universidade de Coimbra.

Accção social catholica

I

A empreza editora da *Lusitania*, d'accordo com os seus directóres, houve por bem encarregar-me de redigir habitualmente a secção social. Apezar de ter o meu tempo quasi todo tomado por serviços escolares e outros trabalhos profissionaes, acceitei o encargo, por duas razões: a primeira, porque, havendo concorrido para a fundação

d'esta revista, não devia recusar-lhe o meu concurso, desde que os seus directores o julgavam necessario ; a segunda porque conheço a necessidade e as vantagens das obras sociaes, e estou intimamente convencido de que, sem ellas, é impossivel dar á organização catholica a largueza e a influencia de que precisa para produzir a restauração da vida religiosa e do espirito nacional.

A acção religiosa não pôde hoje exercer-se com effcacia sem a cooperação das obras sociaes e independentemente d'ellas. E todavia entre nós, n'este particular, está quasi tudo por fazer. Tivemos, é certo, um esboço de movimento social, iniciado ha dez ou quinze annos. Fez-se uma tentativa de adaptação, ao nosso meio, das obras que lá fóra mais attrahiam as attenções dos catholicos, designadamente dos chamados Circulos Catholicos de Operarios. E' de justiça dizer-se que, n'essa tentativa, se empenharam generosas dedicações e decididas boas vontades. Trabalhou-se muito ; fizeram-se sacrificios enormes de tempo, de dinheiro e de actividade. Fundaram-se associações que chegaram a contar, reunidas, alguns milhares de operarios ; crearam-se jornaes de propaganda social ; celebraram-se festas, conferencias, e até congressos, revestindo os ultimos, por signal, extraordinario luzimento. Basta recordar que, ao congresso de Braga, assistiram tres Prelados, e um d'elles, o Snr. Arcebispo da Guarda, foi até relator de uma these ácerca do trabalho das mulheres e dos menores nas fabricas.

Constituiu-se uma commissão, que era presidida pelo malogrado Doutor Sousa Gomes, intitulada «Commissão da Obra Geral dos Congressos», e a somma dos trabalhos realizados nos dez annos que precederam a mudança do regime, revela pelo menos um desejo vivo e sincero de fazer alguma coisa de util no terreno social.

Alguma coisa se fez, na verdade. Seria injustiça não o reconhecer. Mas foi muito pouco para a somma de esforços, de tempo e de dinheiro empregados. Tão pouco era o que se tinha feito, e sobre tudo tão falho de solidez, que desapareceu quasi por completo apoz a revolução de cinco d'outubro.

As agremiações populares e catholicas de caracter social não resistiram á onda revolucionaria. Umas foram assaltadas nas suas sédes, outras mandadas fechar pelas auctoridades. As primeiras viram incendiados os edificios onde se encontravam installadas, destruido o mobiliario e furtados ou inutilizados os seus livros. As segundas consideraram-se dissolvidas. Nem umas nem outras se restabeleceram. E os que não foram assaltados nem mandados fechar, viram-se abandonados pela maior parte dos seus socios, que d'ellas se afastaram, uns por medo ou cobardia, outros para se bandearem com o inimigo.

São factos bem recentes e conhecidos de muitos dos meus leitores. Deu-se até a circumstancia de alguns dos homens mais em evidencia n'estas agremiações, justamente havidos como dirigentes d'ellas, se haverem eclipsado sem que até hoje dessem signal de vida, emquanto que outros mais corajosos se viram forçados a ir viver para o estrangeiro, por motivo da perseguição que lhes era movida.

Este desmoronamento, provocado pela revolução de cinco de outubro, mostra que não era solida a organização das nossas obras sociaes. Alguma coisa ficou d'ellas, é certo; mas tão pouco que se torna necessario começar de novo.

E não era solida a organização d'estas obras, por falta de preparação dos seus fundadores e dirigentes.

As questões sociaes são muito complexas, e os dirigentes de obras sociaes não se improvisam. Se, para todos os trabalhos de alguma complexidade se exige aprendizagem, para os trabalhos sociaes tanto o conhecimento teorico como o experimental ou pratico, são absolutamente indispensaveis. E' necessario conhecer as condições do meio, a natureza e os fins da obra que se pretende realisar. Não se pode ir ao acaso, por meras tentativas, tateando o terreno, á mercê de todas as contingencias, sob pena de insuccesso, quando não de um inevitavel desastre. Em materia de obras sociaes, é preferivel não fazer nada a fazer mal.

E, precisamente porque a esta primeira tentativa de

que vimos fallando, faltou um estudo previo, theorico e pratico, das condições do meio, da natureza e dos fins das obras que convinha fundar, a organização resultou defeituosa e insubsistente, por tal sorte que não poudé resistir á perturbação lançada no meio catholico, pelo triumpho do movimento revolucionario.

Importa, por conseguinte, aproveitar a lição colhida em tão dolorosa experiencia, e, visto que as obras sociaes são indispensaveis á organização das forças catholicas em Portugal, começar sem perda de tempo o estudo d'essas obras, preparando as *elites* que hão-de constituir os seus corpos dirigentes.

A minha experiencia pessoal ensinou-me já que, sem esta preparação, nenhum trabalho é fecundo. Pensei em fundar na diocese de Vizeu algumas instituições de mutualismo. Fui até convidado por alguns parochos e por elementos leigos para fundar nas respectivas freguezias, associações de seguros de gado, caixas ruraes e syndicatos agricolas. N'uma villa, cujo nome prescindo de indicar, propuzeram-me até a fundação de um Circulo Catholico de Operarios. Visitei as respectivas localidades, conversei com os interessados, informei-me das condições do meio, dos recursos que havia. Não faltava dinheiro, nem socios, nem boa vontade. Mas faltava quem conhecesse a natureza da obra, o seu funcionamento, quem soubesse orienta-la e dirigi-la. Faltava quem lhe conhecesse o mecanismo interno, e sobretudo o espirito; n'uma palavra, faltava a preparação social. Os proprios parochos não a possuiam. Vi-me, pois, forçado a adiar para mais tarde a fundação das obras desejadas, pois julgo preferivel não as fundar a vê-las levar uma vida esteril ou morrer de inanição, por incomprehendidas.

Até a fundação do Circulo Academico de Estudos, que ha dois annos funciona em Vizeu annexo ao Circulo Catholico de Operarios, exigiu a preparação, durante quasi seis mezes, d'aquelles que haviam de ser os seus dirigentes, e assim se explica que tenha prosperado, quando a propria Associação á qual está annexo se encontra decadente.

Vem todos estes factos para corroborar a affirmação de que as obras sociaes são complexas, de que a sua realisação é difficil, e de que serão mal succedidos aquelles que as empreehenderem sem para ellas estarem sufficientemente preparados. Foi este o grande mal da nossa primeira tentativa.

Outras causas concorreram para o desastre a que assistimos, e seria curioso observar que uma boa parcela de responsabilidades cabe aos dirigentes da vida religiosa portugueza, ás altas dignidades ecclesiasticas. Em varias dioceses nem sequer se chegou a esboçar o movimento social. Não se fundou uma unica aggremação popular catholica. Para que cital-as? São de todos conhecidas. Nas outras o movimento social era olhado com certa reserva, com uma especie de desconfiança, e tinha mais o character de um prolongamento da vida religiosa, do que de acção social propriamente dita.

Era justa esta reserva? Era fundada esta desconfiança? Entendo que não, e necessario se torna que ambas desapareçam por completo, collocando-se os dirigentes da vida religiosa abertamente ao lado do movimento social, orientando-o superiormente, e fazendo interessar n'elle aquelles membros do clero que possuam maior competencia e mais vivo espirito de apostolado.

Ha um preconceito que importa combater sem treguas, insistentemente: é o de que tudo está perdido; de que nada se póde fazer.

Semilhante pessimismo é um symptoma da covardia geral, da falta de coragem e da falta de fé.

A primeira condição para fazer triumphar uma ideia ou uma obra é estar fortemente convencido da sua efficacia e da sua necessidade. Nem tudo está perdido, e muito se póde fazer. O que falta é preparar convenientemente os elementos que hão-de propagar, orientar, dirigir e impulsionar toda a sua serie de doutrinas e de instituições que formam a organização social catholica. O trabalho de organização do proletariado vae-se fazendo de dia para dia, e, embora de uma maneira imperfeita, com uma pertinacia que é garantia de successo. Não está nas nossas

mãos evitar que esse trabalho se faça. E o peor é que, se não se fizer connosco, fazer-se-ha contra nós. E' o que succede com as organizações socialistas. Não ha nenhuma que não mantenha e professe o odio ao padre, a aversão ao Catholicismo.

O que no campo socialista existe de audacia e de perseverança, existe infelizmente em nós de timidez e de pessimismo. O seu exemplo, longe de servir-nos de incitamento, despertando-nos a emulação e o brio, leva-nos ao desalento.

Cada nova victoria sua serve para nos fazer experimentar o sentimento dos fracos ou dos vencidos. — Não se faz nada. Está tudo perdido, dizemos. E ficamo-nos de braços cruzados, ante a audacia perseverante dos homens da desordem!

A primeira tentativa de organização em que alguns dos nossos se empenharam resentia-se já algum tanto d'este pessimismo. No entretanto affirmaram-se ainda rasgos de iniciativa e de energia que, se tivessem sido bem aproveitados, evitariam que o desastre fosse tão completo.

Um dos grandes defeitos que n'essa primeira tentativa existiram, e que muito prejudicou a influencia das obras fundadas, foi o terem-se limitado quasi exclusivamente a uma acção puramente defensiva ou negativa. Não eram propriamente obras de formação e de conquista; contentavam-se com ser obras de preservação e de defeza. Collocavam em logar subalterno os interesses materiaes ou economicos dos associados; limitavam-se a procurar subtrahí-los á influencia dos erros socialistas. Entretinham-nos com palestras ou festas religiosas, saraus litterarios, e outras manifestações, aliás muito louvaveis, da vida christã, mas que não constituem propriamente a acção social. A maior parte das associações eram mixtas, quer dizer reuniam conjunctamente elementos de todas as classes, o que é um erro de tactica, hoje apontado por todos os mestres da sciencia social.

O mutualismo era praticado em pequena escala e o syndicalismo ou organização por classes era quasi desco-

nhecido. N'estas condições não devemos admirar-nos de que se desmoronasse quasi até aos fundamentos o imperfeito edificio que tinha levado mais de dez annos a levantar.

Como dizia, é preciso fazer quasi tudo de novo, e é preciso fazer bem o que se fizer. Para isso torna-se indispensavel o estudo das doutrinas e das instituições sociaes.

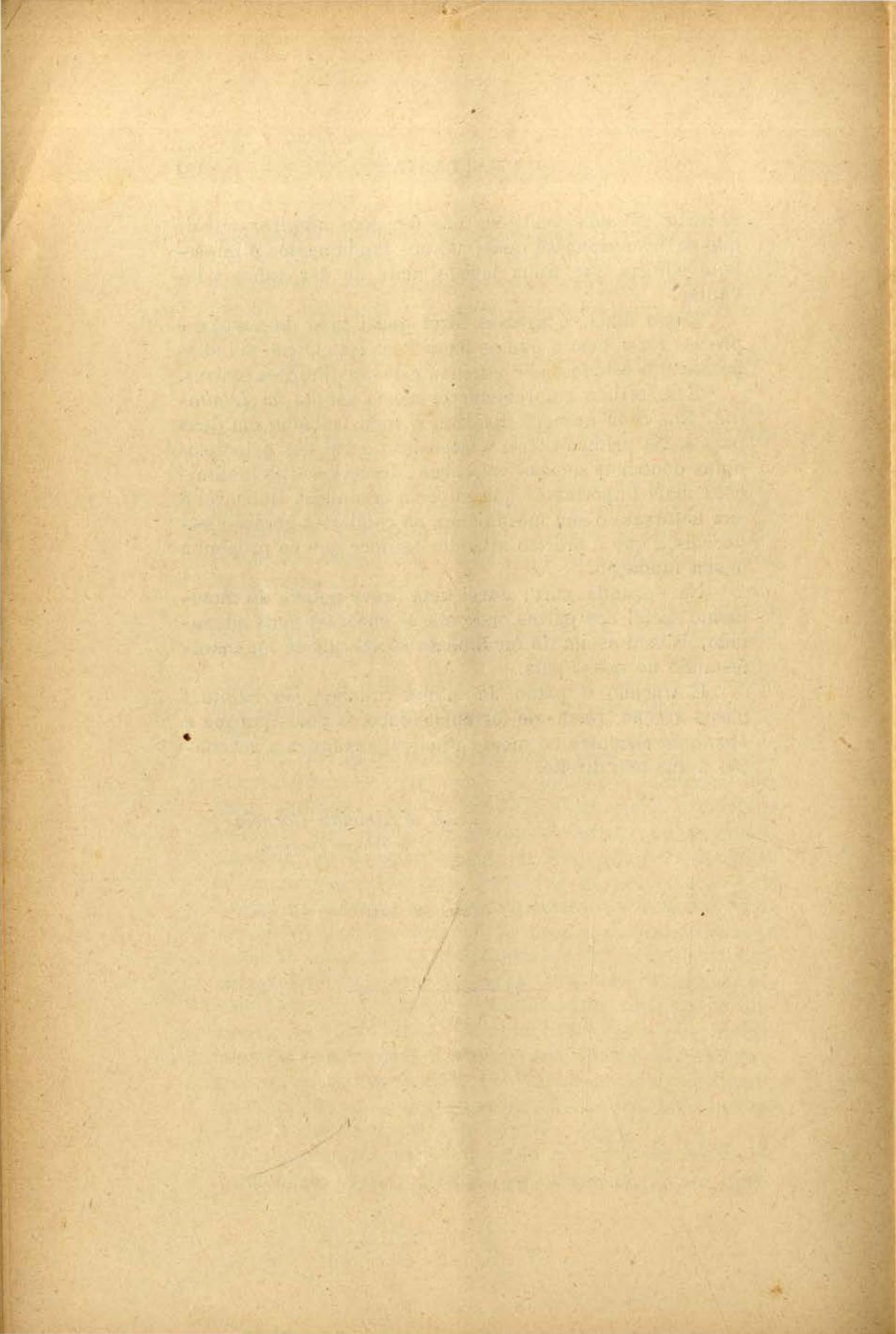
Esse estudo empreenderei n'esta secção da *Lusitania*. Em cada numero dividirei o meu trabalho em duas partes. Na primeira farei a exposição geral dos principios e das doutrinas sociaes catholicas; descreverei as instituições mais importantes que importa organizar. Indicarei a sua natureza, o seu mecanismo, as condições geraes e especiaes a que é preciso attender sempre que se proponha a sua fundação.

Na segunda parte darei uma breve noticia do movimento social nos paizes onde elle se encontra mais adeantado, e bem assim do movimento social que se fôr manifestando no nosso paiz.

E traçado o plano da minha collaboração habitual n'esta secção, resta-me formular sinceros votos porque a *Lusitania* encontre no meio catholico portuguez a acceitação a que tem direito.

J. d'Almeida Correia

Bacharel em Theologia.



Palhetas d'Ouro

— TRADUÇÃO PORTUGUEZA —

As **Palhetas d'Ouro** são umas pequenas folhas que parecem destinadas por Deus para levar ao coração alguma paz e alegria, aquella consolação que sublima as almas.

As **Palhetas d'Ouro** são pequenos conselhos para a santificação e felicidade da vida. Ensinam o amor de Deus, a dedicação ao proximo, o contentamento com a sorte que nos é dada, a obediencia ao dever. São torrentes de fôres que deslumbram, são ondas de boa doutrina que santificam a vida.

As **Palhetas d'Ouro** é uma publicação honrada com muitos breves de Sua Santidade.

As **Palhetas d'Ouro** apparecem todos os quatro mezes em 10 fasciculos de 16 paginas. Estes fasciculos são destinados a ser separados e distribuidos no principio de cada mez.

As **Palhetas d'Ouro** estão no 46.º anno da sua publicidade. É a folha catholica mais espalhada em todo o mundo, estando traduzida nas principaes linguas.

Derramae as **Palhetas d'Ouro** pelo povo, pelos bairros operarios e pelas officinas.

As **Palhetas d'Ouro** custam, por assignatura annual, 400 reis. São distribuidas de quatro em quatro mezes.

É unica agente das **Palhetas d'Ouro** em Portugal, ilhas adjacentes e parte ultramarina a

COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Livrarias Lopes & C.^a, Suc., Magalhães & Moniz, Empreza Litteraria,
A. Figueirinhas e Louzada, reunidas

— SECÇÃO RELIGIOSA —

10, Rua de Santa Thereza, 12 — PORTO

Companhia Portugueza Editora

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Livrarias Lopes & C.^a, Suc., Magalhães & Moniz, L.^{da},

A. Figueirinhas, Louzada e Empreza Litteraria, reunidas

SÉDE: Rua da Fabrica, 5 — PORTO

SECÇÃO LITTERARIA

11, Largo dos Loyos, 14
Telephone n.º 584

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:

EDITORIA — PORTO

SECÇÃO RELIGIOSA

10, R. Santa Thereza, 10
Installação provisoria

SECÇÃO ESCOLAR

119, Rua do Almada, 123 — PORTO — Telephone numero 249

Officinas de Encadernação e Typographia a vapor

montadas segundo os modernos processos da arte

A COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA tem uma **Secção Religiosa** onde se encontra tudo quanto possa interessar a intelligencia e a piedade dos catholicos.

A **Secção Religiosa** da COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA — que vae em breve iniciar uma larga editoração de obras de apologetica e piedade — está inteiramente ao dispôr dos seus freguezes, para lhes tratar de quaesquer negocios n'esta cidade, embora extranhos ao seu ramo de commercio.

ENVIAM-SE CATALOGOS
